

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

A FICÇÃO-CIENTÍFICA EM:

O ALIENISTA

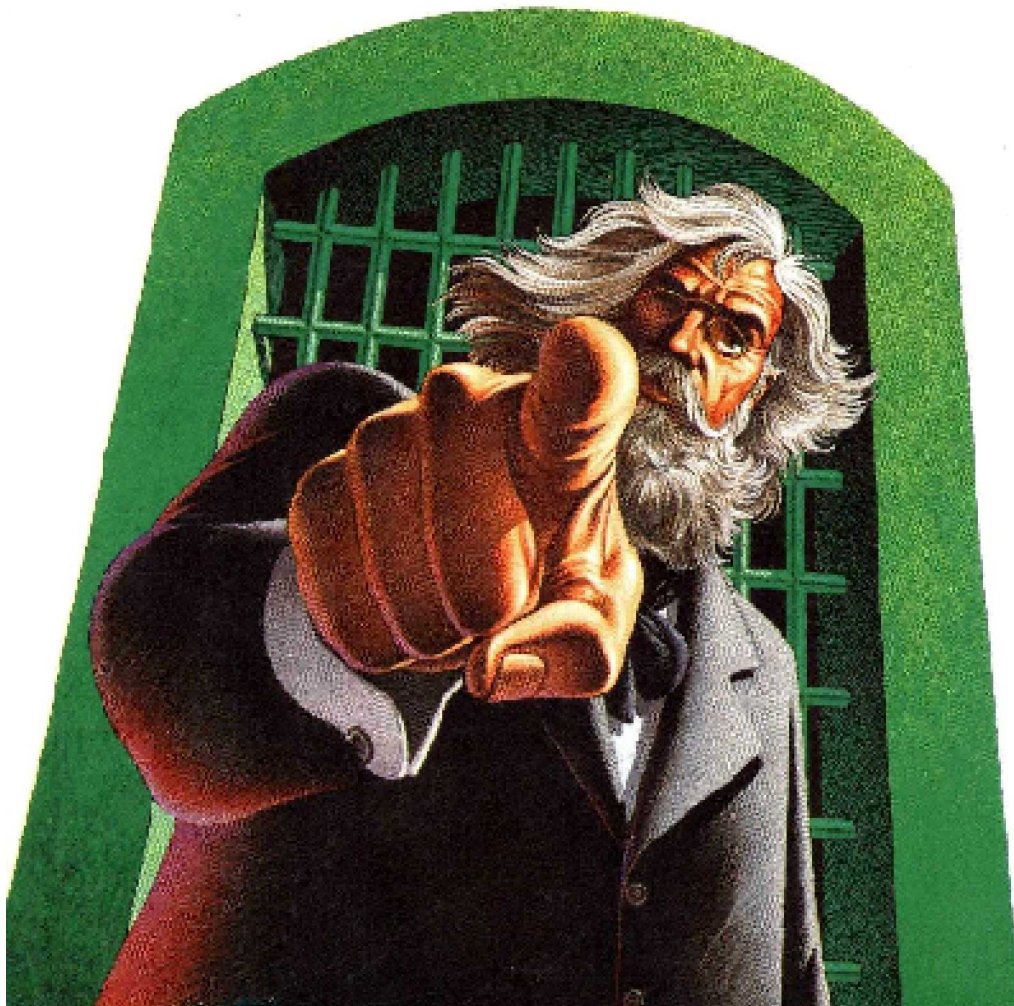


Ilustração de Jayme Leão para O alienista, de Machado de Assis. Editora Ática, 1992.

- MACHADO DE ASSIS, LITERATURA E LOUCURA –

POR FABRÍCIO INÁCIO DE OLIVEIRA

FABRÍCIO INÁCIO DE OLIVEIRA

A FICÇÃO-CIENTÍFICA EM:
O ALIENISTA

- MACHADO DE ASSIS, LITERATURA E LOUCURA -

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do professor Dr. Hermetes Reis de Araújo.

Uberlândia, junho de 2004.

TÍTULO:
A FICÇÃO-CIENTÍFICA EM 'O ALIENISTA'

AUTORIA:
FABRÍCIO INÁCIO DE OLIVEIRA

ORIENTAÇÃO:
HERMETES REIS DE ARAÚJO

Oliveira, Fabrício Inácio de. 1978-

A ficção-científica em *O alienista*: Machado de Assis, Literatura e Loucura./
Fabrício Inácio de Oliveira; Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia,
2004.

81 fls. 21 cm x 29,7 cm

Orientador: Hermetes Reis de Araújo

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia , Curso de
Graduação em História.

Inclui bibliografia.

I. Loucura. II. Institucionalização. III. Machado de Assis. IV. alienista, O.

FABRÍCIO INÁCIO DE OLIVEIRA

A FICÇÃO-CIENTÍFICA EM O *ALIENISTA*:
MACHADO DE ASSIS, LITERATURA E LOUCURA

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Hermetes Reis de Araújo

Professor Ms. Aldo Luís Bellagamba Colesanti

Professora Dr^a. Jacy Seixas

DEDICATÓRIA

Dedico esta produção ao grande escritor e homem de eclética cultura,
Joaquim Maria Machado de Assis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora Dr^a Maria Clara Machado por ter me convidado a trabalhar no projeto “Almas enclausuradas: práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932 - 1970)” de fevereiro de 2001 a outubro de 2003, experiência que aumentou significativamente a qualidade teórico-metodológica de minha formação.

Pela existência deste projeto agradeço a FAPEMIG, a CNPq, o Rafael Ribeiro e a Riciele Majori que trabalharam junto comigo. E ao Rodrigo Fernandes Moraes Dias agradeço, especialmente, pois com determinação iniciou as pesquisas, encontrando as fontes e propondo a pesquisa “Almas Enclausuradas”.

Pelas milhares de horas-aula planejadas e executadas, agradeço todos os professores que lecionaram durante minha graduação (1998/02-2004/01).

Agradeço a Daniela Mitidieri de Castro que esteve comigo durante todos estes anos de faculdade e me fez melhor.

Agradeço a minha mãe, Sônia Maria Borges, pela constante presença e apoio em minha vida; o meu padrasto, Diogenes de Oliveira e Sousa, pelo exemplo de perseverança e pelo apoio; o meu pai, Jeová Inácio de Oliveira, pelo incentivo; minhas irmãs, Bianca Tircily, Andréa Rejane e Ana Luiza, que colaboraram com o silêncio para que minhas leituras se realizassem.

Agradeço o professor Dr. Hermetes Reis Araújo que assinou a orientação de minha pesquisa e apoiou-a.

Agradeço aos colegas pensadores que dentro e fora de sala de aula (a bem da verdade, quase sempre fora), construíram comigo conhecimentos acadêmicos, ou não.

E agradeço a toda exterioridade da matéria bruta que é poesia, é luz divina e guia nossas vidas!

Muito obrigado!

Fabício Inácio de Oliveira

Quem troca pães fica com um pão.

Quem troca idéias fica com as duas.

Machado de Assis

RESUMO

Este texto, que lhes apresento agora, é representativo no que se refere a três anos de pesquisa acerca da institucionalização da loucura no Brasil, delimitando-se em um corte cronológico e espacial peculiar: a segunda metade do século XIX que contextualiza o ano de 1882 (publicação de '*O alienista*'), no Rio de Janeiro.

Neste trabalho monográfico, pretendi estabelecer e/ou apontar algumas reflexões circunscritas às possíveis (e, talvez, inumeráveis) aproximações entre História e Literatura, entre textos-históricos e textos-literários, entendendo os mecanismos que os aproximam e fundamentalmente quais são as diferenças que os distanciam uns dos outros. Para tanto, o objeto de estudo que foi escolhido trata-se do conto de Machado de Assis, *O Alienista*. A partir de uma análise social da cultura, conceitos tais como História Cultural ou da Cultura, História das Mentalidades, Representações, Imaginário, Sinais, Indícios, Circularidade, Carnavalizações, permearam a pesquisa auxiliando no propósito maior e também se redimensionando juntamente com o objeto de pesquisa, em sentido lato.

Através do cruzamento de diversas e diferentes fontes, pretendi fazer, de certa forma, um inventário de representações acerca o universo no qual o conto *O alienista* foi criado e levado à recepção do imediato público carioca, trazendo a elucidação de aspectos ideológicos e filosóficos inerentes à Machado de Assis e outros referentes ao Realismo brasileiro.

Boa leitura!

Sumário

PRÓLOGO

10

OS JOGOS DE PODERES E AS REPRESENTAÇÕES DO SOCIAL

13

FICÇÃO X REAL - ?

16

HISTÓRIA E LITERATURA

19

Um desafio irrecusável

21

REFLEXÕES

23

PRIMEIRO INTERVALO LÚDICO

26

1º. ATO

MACHADO DE ASSIS E O CENÁRIO

27

CENA 01

O CENÁRIO

28

CENA 02

MACHADO DE ASSIS E O REALISMO O REALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA

32

SEGUNDO INTERVALO LÚDICO

35

2º. ATO

LITERATURA E LOUCURA

36

CENA 01
A CIÊNCIA DA FICÇÃO
37

CENA 02
A LOUCURA EM MACHADO DE ASSIS
TRADIÇÃO DE LA MANCHA
39

CENA 03
MACHADO DE LA MANCHA
41

CENA 04
A FILOSOFIA DE VIDA E AS FILOSOFIAS NA OBRA DE MACHADO DE
ASSIS
47

TERCEIRO INTERVALO LÚDICO
(Não é mais uma piadinha!)

51

3º. ATO
O CONTO
52

CENA ÚNICA
O ALIENISTA
HISTÓRIA EM RIMAS
53

ÊXODO
OU
CONCLUSÃO
68

BIBLIOGRAFIA
71

SOBRE O AUTOR
85

PRÓLOGO

O interesse nesse tema surgiu desde fevereiro do ano de 2002, quando iniciei minha Iniciação Científica (que durou até final de 2003) participando de um projeto aprovado pela FAPEMIG chamado “*Almas Enclausuradas: práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1.932/1.970)*”, sob a coordenação da professora Dr. Maria Clara Tomaz Machado¹. Durante os trabalhos realizados pelo grupo, incluindo seminários e discussões teóricas, retomei a leitura do conto machadiano que muito admirava. Os trabalhos prosseguiram e eu tive a oportunidade de apresentar algumas comunicações sobre a institucionalização da loucura a partir do prisma d’*O alienista*. Na medida que passava o tempo eu pesquisava outras fontes e descobria outros objetos da literatura dentro da temática ‘Loucura’.

Eu via muitas possibilidades para minhas pesquisas individuais que poderiam trazer-me o tema de minha monografia de final de curso; no entanto, sempre percebia em mim a necessidade de trabalhar com expressões artísticas. Algo próximo do universo infantil, algumas peças teatrais, um ou outro dramaturgo - teórico ou homem de teatro, músicas e musicistas, mas nada preencheu e confluuiu tanto como o conto *O alienista*. Admito que resisti em certa medida no início, pois não queria que a busca do objeto se interrompe-se ali, quase que num afã desmedido e desnecessário de pesquisar outras mil coisas. Felizmente, em paralelo, fui trazendo novas ferramentas de abordagem ao conto machadiano e o interesse foi gradativamente se fixando em minha cabeça e em meu coração. Ao que me parece, fui vencido na

¹ Professora titular em História da Universidade Federal de Uberlândia.

tentativa de escolher o meu tema e minha fonte; um tema e uma fonte me escolheram.

--

De maneira alguma, este texto pretende justificar ou ratificar os movimentos sociais e as transformações ocorridas; tão somente prosseguir no caminho da compreensão² de uma época, sentida, vivida e influenciada por Machado de Assis.

Inicialmente, almejava profundidade e extensão em várias ramificações - se assim posso me referir - do projeto central. Todavia, dificuldades apareceram no que tangia à amplitude daquele projeto; aos tais pormenores restrinjo-me guardá-los ao esquecimento. Na perspectiva da especificidade os objetivos iniciais que busquei trilhar, sem, contudo alcançá-los em seu estado sublime foram: Analisar semântica e lingüisticamente todo o corpo do texto escolhido e trazer questões acerca das expressões e suas formas de utilização e entender a estrutura e a organização do texto; definir os parâmetros e paradigmas utilizados pelo autor para criar o personagem Dr. Simão Bacamarte e o perfil daqueles que este enquadra como loucos; desvendar o universo machadiano, em uma análise de sua vida e obra, utilizando como principal instrumento a análise dos contos compilados em Papéis Avulsos; perceber possíveis aproximações entre o imaginário literário do final do século XIX no Rio de Janeiro e o cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia que foi desativado no final do século XX; fazer uma análise 'foucaultiana' dos métodos de normalização médica e dos discursos e outras estruturas de poderes constituídos nestes saberes; desmistificar o ceticismo irresponsável de Machado de Assis, analisando suas influências Schopenhauerianas e suas abordagens peculiares; e, finalmente, apontar, através de uma 'tradição de La

² Marc Bloch, coerente e ético, nos mostra o caminho. "Uma palavra, para resumir, domina e ilumina nossos estudos: "compreender". Não digamos que o historiador é alheio às paixões; ao menos, ele tem esta. Palavra, não dissimulemos, carregada de dificuldades, mas também de esperanças. Palavra, sobretudo, carregada de benevolência. Até na ação, julgamos um pouco

Mancha', historicidade nas influências da obra de Miguel de Cervantes legadas ao Machado de Assis.

--

Ultimamente, a loucura voltou a tomar grande espaço na mídia e nas discussões de populares. Vista com desconfiança, a loucura foi transformada, gradativamente, em entidade institucionalizada a partir de meados do século XIX, no Brasil. No Rio de Janeiro surgiu, em 1841, o primeiro hospício especialmente planejado para medicalizar e tratar todos os casos patológicos classificados no enorme leque de doenças mentais, inaugurando uma nova fase da problemática da loucura e do louco em nosso país e assinalando um marco institucional, o nascimento da psiquiatria³. Inspirados e impulsionados pelos escritos de Esquirol, nossa recém-nascida Medicina incorporou filosofias e técnicas de trabalho para lidar com os chamados loucos.

Até a ano de 1934 o Brasil não possuía uma legislação específica para o acolhimento de doentes mentais nas casas de reclusão e a chamada Medicina Social, ou Preventiva, comandava os ditames com total onipotência. Após esta data criou-se a legislação que tratou os doentes mentais como prisioneiros de uma loucura maior: a vigilância e exclusão constantes, legitimadas pela institucionalização asilar. Esta legislação vigoraria por quase setenta anos, até a aprovação da Lei Paulo Delgado.

Após mais de onze anos tramitando na Câmara dos deputados e no Senado, o Projeto de lei anti-manicomial 3657/89⁴ do deputado do Partido dos Trabalhadores (P.T.) Paulo Delgado, foi, finalmente, aprovado no dia seis de abril de 2001, oportunamente no dia que antecedia às planejadas agitações e

demaís. É cômodo gritar “a forcal!”. Jamais compreendemos o bastante” Cf. BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 128.

³ MACHADO, Roberto [et alii]. **Danação da Norma – a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

⁴ **BRASIL**, Câmara dos Deputados Federais. Projeto de lei 3657/89. Brasília. 1987 (autoria de Paulo Delgado).

comemorações do Dia Internacional da Saúde Mental estipulado pela Organização Mundial de Saúde que efetuará várias atividades pleiteando a aprovação da lei anti-manicomial, um movimento que iniciou-se há mais de 50 (cinquenta) anos obtendo maior importância ainda no final dos anos 70 (setenta)⁵.

OS JOGOS DE PODERES E REPRESENTAÇÕES DO SOCIAL

Quando propomos o estudo de uma obra literária com temática relacionada à loucura devemos nos centrar nos estudos de Michel Foucault, principalmente a partir do livro *A História da Loucura na Idade Clássica*, que analisa as diversas práticas e interpretações a respeito da loucura, partindo do século XV até o século XVIII, buscando com esta análise a formação histórica das práticas psiquiátricas, atentando desta maneira à forma como foi sendo forjado o saber médico e as práticas de internamento, assim como a imagem do louco e da insanidade, e a intervenção do médico neste contexto. Há bastante material sobre o tema proposto para uma análise externa. As leituras foucaultianas são importantes para a avaliação da loucura e das formas institucionais, contudo, outras perspectivas também são possíveis.

Em seu livro *Vigiar e Punir*, o autor trata especialmente sobre o ajustamento dos indivíduos, a partir de diversas técnicas de dominação, de vigilância que os transforma em corpos dóceis, para que se tornem úteis e aptos ao trabalho, agindo de forma submissa. Percebemos a partir de sua análise a relação entre poder e saber, que afirma que o objetivo do poder é tornar o homem dócil e útil, sendo esse poder advindo de todas as esferas. Partindo desta análise o poder é disseminado em toda a sociedade visando

⁵ O Dia de Luta Anti-manicomial é comemorado, no Brasil, em 18 (dezoito) de maio.

fabricar o indivíduo, sendo considerado pelo autor uma disciplina que visa o controle do tempo para uma atividade mais eficiente, sendo a disciplina uma vigilância permanente.

No livro *Microfísica do Poder*, encontramos discussões que são fundamentais para a análise proposta, presentes nos capítulos: O nascimento da medicina social, O nascimento do hospital, que vão tratar como foram ocorrendo as diversas transformações na sociedade capitalista a partir do século XVIII, que levaram à formação da medicina social e do hospital, como vai ocorrendo à individualização do tratamento, havendo a partir deste momento a separação do louco em relação aos outros doentes, surgindo neste momento seu enclausuramento como doente.

A medicina urbana com seus métodos de vigilância, de hospitalização etc., não é mais do que um aperfeiçoamento, na segunda metade do século XVIII, do esquema médico- político de quarentena que tinha sido realizado no final da Idade Média, nos séculos XVI e XVII. A higiene pública é uma variação sofisticada do tema da quarentena e é daí que provém a grande medicina urbana que aparece na segunda metade do século XVIII.⁶

Faz-se pertinente a utilização de uma abordagem foucaultiana, visto que o entendimento da construção dos múltiplos poderes através de saberes muitas das vezes forjados e impostos de maneira conflituosa, é a perspectiva que julga ser a melhor para se trabalhar o período que circunda a construção do conto *O alienista*. Além de que poderemos perceber a historicidade da institucionalização da loucura em paralelo com o surgimento da medicina social, juntamente com seus ideólogos e propagadores, em um conceito de racionalidade então vigente.

⁶ FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2001.p. 89

É grave pensar o “cultural” apenas num campo particular de práticas e/ou de produções. Exige-se conceber a cultura como um conjunto de significações, uma articulação nova entre estrutura cultural e estrutura social, numa pluralidade infinita de percepções. E estudar a literatura pela perspectiva da construção histórica, é fazê-lo, acredito eu, mais do que pela simples empatia com esta manifestação artística, mas é acreditar que a necessidade de se ‘jogar’ no mundo e expressar pensamentos e sentimentos pessoais se fazem como uma missão de vida, a literatura se faz missão.

E é justamente como missão de vida que o historiador, Nicolau Sevcenko⁷, a vê; não para si mesmo (o que não posso afirmar, contudo o prestígio de sua obra pode indicar algum apontamento), mas para os literatos do Rio de Janeiro, que viveram uma conjuntura social no início da República, analisada em específico nas vidas e obras de dois importantes autores: Euclides da Cunha e Lima Barreto. A pesquisa historiográfica é vista pelo autor como preenchida de significados muitos peculiares pelo viés da literatura. Esta fornece, é evidente, uma expectativa daquilo que viria a ser e não se exclui de análise, pois transparece porções do ser das estruturas sociais.

O que de mais importante incorporo da perspectiva de Sevcenko em relação à lida historiográfica, além é claro de toda a convicção e furor na importância da literatura para a análise e construção da História, é a certeza de que toda forma narrativa pode ser historiográfica. Independentemente de como se faz, a narrativa se fará historiográfica pesando-se o seu conteúdo, nada mais do que isso; ou seja, encontramos representações sociais em múltiplas formas, inclusive narrativas.

Para afirmar isso, Sevcenko não está sozinho, ele se remete a Aristóteles. Assim como este nos fala em sua *Poética*, a forma narrativa não determina seu conteúdo. “Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa - diferem, sim, em que diz um as coisas que

sucederam, e outro as que poderiam suceder”⁸

FICÇÃO x REAL

?

Fonte do prazer e do medo, essa substância impessoal é um recurso poderoso para a existência humana, mas significa também um dos seus primeiros limites. As potencialidades do homem só fluem sobre a realidade através das fissuras abertas pelas palavras. Falar, nomear, conhecer, transmitir, esse conjunto de atos se formaliza e se reproduz incessantemente por meio da fixação de uma regularidade subjacente a toda ordem social: o discurso.⁹

Ficção e Real, duas formas de definição do discurso que são muitas das vezes entendidas de maneira errônea, sendo que estas não se distanciam de forma polarizada e, de certa maneira se entrecruzam tanto no texto histórico quanto no texto literário, dando, aonde for, inteligibilidade às construções mentais. A Nova História Cultural, que está na ordem do dia, trouxe questões novas referentes às linguagens trabalhadas como fontes históricas e propões a sua própria aproximação com outras áreas de interesse incorporando formas e objetos no processo investigatório do passado.

No entendimento prático (o meu e o seu, talvez), ficção é tudo aquilo que não é, não foi e/ou não pode ser de acordo com as nossas percepções da

⁷ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1.985, 2^o.ed..

⁸ Idem, Ibidem, p. 21, apud Poética de Aristóteles, p. 451

⁹ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit., p.19.

realidade, sendo esta última aquilo que é, foi e, inevitavelmente, será. Mas esta delimitação não se dá de maneira tão clara, posto que, sendo um conjunto de crenças, para cada entidade, coletivo ou indivíduo que traz consigo também uma bagagem socio-cultural, as percepções do real se darão de maneira diferenciada e com elas as percepções do ficcional também. O conceito talvez esteja em pensar que se não há realidade imutável, tudo seja ficção.

Contudo, sobrepor-nos a tal multiplicidade é didaticamente necessário, para engendramos a trama histórica nos apegando limitadamente aos fatos crus buscando uma objetividade máxima em suas representações e a partir delas permitindo-nos interpretações implícitas no trabalho de construção histórica. Se para Dante Alighieri, tudo na literatura é verdadeiro em todos os aspectos, menos no sentido literal, vamos com ele e problematizaremos daí o valor da literatura enquanto fonte documental para o historiador.

Primeiramente, diferenciemos o documento literário daqueles documentos históricos tradicionais. Uma obra literária, assim como qualquer outro texto, tende a passar por uma tríade durante a sua existência; na primeira fase o autor ou autores se incumbem do trabalho de escrita que, na essência, é articulada estrategicamente para através de uma retórica arquitetada sobre gênero, forma, linguagem e outros recursos, ser capaz de simplesmente convencer, esta primeira fase é a produção.

A segunda fase trata-se da obra propriamente dita, o produto, seu acabamento, encadernação, editoração, diagramação e outros. E, por fim, a terceira fase é quando a obra está pronta para que o leitor possa apreciar-lhe as duas fases anteriores, esta é chamada de recepção.

É na primeira fase em que, mais claramente, se diferem as duas formas documentais: a literária e a histórica. Evidentemente, o historiador tece sua narrativa sobre fontes e evidências históricas, tendo consigo e com o passado um pacto com a verdade, sem contudo alcançá-la. Na perspectiva ideal, ele utiliza formas científicas e não criativas (no sentido estrito do termo) na

construção do texto e se articula dentre os elementos constituintes da narrativa de forma racional sem pretender eliminar ou fantasiá-los, encontrando verossimilhança máxima. O literato tem, explicitamente, uma infinidade de formas criativas que se constituem em um tempo que não é o tempo do passado (assim como o é para o historiador) nem o tempo do presente ou do futuro, é o tempo da narrativa que ganha vida própria e que de certa maneira reflete a construção do real na temporalidade vivida pelo autor mesmo que de forma imaginária; é a representação de uma época, de sentimentos, sensações e razões num sistema de idéias e imagens simbólicas que se dá de forma cifrada, requerendo do historiador um olhar míope para enxergar as sensibilidades de uma época.

Mas, atualmente, se diz tanto de representação sem que tenhamos nitidamente a concepção do signo. Afinal, o que entendemos por Representação? Na tentativa de superar limites historiográficos, o historiador Roger Chartier cunhou o termo com forma peculiar revestida de interesses metodológicos de análise. Primeiramente, entendamos que a representação não é o real mas, uma espécie de dimensão paralela do real criada à sua imagem e semelhança tendo, por sua vez, suas próprias formas contraditórias de organização. Configura-se um conjunto de significados que se enunciam nos discursos, nos comportamentos, nos sistemas de concepções herdadas, nas práticas culturais vivenciadas no cotidiano e dadas a ler. Apresentar de novo; estar no lugar de; relação de ausência e presença... representações são criadas num campo de luta pelo poder, como tudo que emana de um poder que é simbólico, por isso não são, de maneira alguma, neutras e imparciais. As Representações são nascentes de um rio mental, todavia deságuam em mares chamados de discursos, documentos oficiais, vestígios, práticas culturais, tradições e literatura, entre outros sinais quaisquer que propiciem pensar e interpretar as ações sociais.

Entendamos, a Representação não é una, ao contrário ela é múltipla e diversificada em todos aspectos. Ela não é o real, porque “o” real não existe, são tudo interpretações, ficções. Ela não é pura, pois sua essência é

constituída por contradições pautadas por interesses. Ela não é límpida, se faz entender por linguagem cifrada que não respeita uma sistematização. O historiador tem a função de realizar uma autópsia do acontecido, procurar por fissuras nos discursos e interpretá-las, os pormenores negligenciáveis devem ser percebidos. A proposta renovada é que se oblitere a percepção factual unilateral da história em prol de uma história causal motivada por desejos, emoções e sensibilidades. Afinal, o que mais nos motiva além do universo cultural que nos circunda?

HISTÓRIA E LITERATURA

Mesmo sendo ainda impetuosa a sobreposição, de caráter positivista e Tucidiano¹⁰, do documento oficial e escrito, referente à lida da pesquisa histórica, às demais fontes e do historicismo factual, individual e epopéico sobre os desejos e idéias das coletividades, notou-se um movimento renovador na historiografia nos últimos decênios. A partir dos anos 60 o conceito de 'mentalidade' se impõe a partir do francês Jacques Le Goff e transferiu os ávidos historiadores para a busca do entendimento dos costumes, das crenças, do cotidiano... das representações culturais, que fazendo-se coletivas (implícitos aqui condicionamentos interiorizados e não-conscientes do indivíduo) rompem com o tradicionalismo que a pouco havia sido 'desvirginado' pela Escola dos Annales; e, assim, institui-se novos objetos, ou melhor aceitou-se todo e qualquer objeto como uma fonte que deve ser induzida a 'falar' ao historiador, sendo o procedimento a chave da questão. Também na década de

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. In: **Estudos de História**. Franca: Revista do Curso de Pós-Graduação em História, V.6, N.1, 1.999, p.69. "Já Tucídides descarta a oralidade e desconfia da memória, estabelecendo o primado do documento escrito. Tucídides julga que as lembranças são enganosas, seletivas e traiçoeiras. Não são confiáveis, não conseguem reproduzir o acontecido tal como ele se apresentou um dia."

60, com a publicação do livro 'História da Loucura na Idade Clássica', de Michel Foucault, a loucura passou a ter mais aceitação como objeto de pesquisa por parte dos historiadores.

Os estudos se debruçaram, entre outras linguagens, à Literatura; que carrega em si a construção (ou desconstrução, devido aos recursos de Figuras/Funções da Linguagem) do imaginário não só na livre criação do autor como também na interlocução inevitável com a realidade.

Segundo Roger Chartier, todo documento constitui em si , representações de um real, não existindo nenhum texto que mantenha uma “relação transparente com a realidade que apreende”. Dessa forma, o texto literário ou o dito “documental” não pode nunca desligar de sua realidade de texto, de sistema construído, no qual a percepção e a apreciação são categorias e regras que remetem para as suas próprias condições de produção.¹¹

Até onde podemos pensar o texto literário como fonte fidedigna ao historiador que pretende instituir procedimentos sérios e acertados à pesquisa historiografia? Esta é uma boa pergunta que sempre se faz quando nos deparamos com este tipo de objeto; e sua resposta é tão relativa e permeada de subjetividades quanto a trilha cujos processos investigatórios, obrigatoriamente, caminham. O que pretendo afirmar é que a História necessariamente se faz de Histórias e estas não escapam aos trejeitos, formas e pensamentos daqueles que a escrevem.

¹¹ BORGES, Waldeci Resende. História e Literatura: Uma Relação de Troca e Cumplicidade. In: **História & Perspectivas**. Uberlândia: Revista do Curso de História, N.9, jul./dez.1.993, p.32.

Um desafio irrecusável.

A atitude de historiador, segundo a professora Maria de Lourdes Eleutério, possui semelhança com a antropofagia oswaldiana sendo que também esta procura indícios significativos numa documentação diversificada. Na fala “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”, Oswald de Andrade resume toda uma intenção e subjetividade.

Tentando demonstrar a funcionalidade e o sentido prático das propostas antropofágicas, Eleutério traz em elucidação a versão parodística do poema romântico de Gonçalves Dias, “Canção do Exílio”, indicando a clara abordagem irônica e crítica num elogio alegórico à terra brasileira. Poema intitulado ‘Canto de regresso à pátria’, de Oswald de Andrade, que faço transcrição aqui.

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra
(...)

De acordo com a autora, é preciso conhecer muito bem o momento estudado para conseguir reelaborar o entendimento estético do autor que foi transmutado em atitudes críticas. A ficção é tida como uma leitura de mundo transfigurada através da imaginação que se faz ambígua, já que pode tratar-se de adesão ou repulsa da realidade, dependendo das intenções, métodos e formas que caracterizam substancialmente a obra.

Eleutério mostra-nos como a literatura pode clarear a pesquisa de um historiador e indicando métodos adequados que nos levam ao comprometimento temporal, ajudando na apreensão de um dado momento histórico:

Para entender literatura e utilizá-la para iluminar a pesquisa histórica não basta ler o autor, mas lê-lo em relação a outros porque é a diferença entre obras e autores que torna possível articular nexos de um contexto social e cultural. É de grande utilidade, para “sentir” o período, o manuseio de jornais e revistas de época, tendo o material vínculo direto ou não com o assunto tratado; esta experiência nos estimula a efetuar nexos interessantes e produtivos.¹²

A conclusão da autora atenta para as ‘marcas da subjetividade’, como fala Barthes. Da necessidade de se ter o conhecimento fundamental das estruturas fundantes da literatura, tais como a teoria do foco narrativo, entender a localização do(s) narrador(es) no texto e a diferença entre o narrador que é sempre um personagem (oculto ou evidente) e o autor da obra. A humildade se faz necessária, bem como cultura ampla e articulação entre os conhecimentos, a acuidade, a sensibilidade e a paciência para conseguirmos manifestar acertadas reflexões acerca desta fonte/linguagem que é a literatura.

Para o desenvolvimento do trabalho, a ida ao Rio de Janeiro, morada de vida e morte de Machado de Assis, foi prevista, no entanto não ocorreu devido, principalmente, à indisponibilidade de tempo, já que em uma pesquisa monográfica de final de curso dispõe-se de apenas dois semestres letivos. Caso a pesquisa tenha continuidade, este trabalho de campo se fará

¹² ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Um desafio irrecusável: a contribuição da literatura para os estudos da História., In: **Sentidos da Comemoração**. São Paulo, Educ, 1981, p.233. A professora Maria de Lourdes Eleutério, doutora em Sociologia pela USP, analisou neste artigo, a vida e a obra do literato Oswald de Andrade, perpassando o período de 1890 a 1954 e procurando compreender a imbricação do autor e sua produção questionadora do mundo.

importante na medida em que, além de um Banco de Teses na Fundação Biblioteca Nacional onde se encontram um significativo acervo vinculado à vida e obra de Machado de Assis e cerca de seis mil documentos e um acervo de referências sobre teses acadêmicas ligadas ao escritor no Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras, existirá uma grande riqueza na apreensão e observação de sensibilidades imortalizadas nas ruas, praças e museus que fizeram ou fazem parte da história de Machado de Assis.

Na medida em que não foi possível, pois não se manteve enquanto objetivo principal, não apresento um trabalho de resgate da recepção desta obra desde a primeira publicação até os tempos atuais, quando o conto presencia sua vigésima segunda edição e ganha interpretações diversas nas montagens televisivas e teatrais.

Pretendi buscar elementos para a compreensão do universo machadiano, entendendo que o imaginário real se faz, impreterivelmente, presente no imaginário ficcional da obra literária, e percebendo a importância do desvelamento da sutileza de uma narrativa que se constrói em meio à ironias, metáforas, hipérboles e concepções niilistas da realidade. Também busquei nesta pesquisa compreender, dentro de um contexto histórico, como foi possível a institucionalização da loucura no Rio de Janeiro durante o século XIX, dentro de uma concepção cientificista e racional num projeto de edificação e transformação da sociedade carioca; e como e porque este processo disseminou-se tão rapidamente pelo resto de todo o país.

REFLEXÕES

Algumas reflexões se fizeram necessárias perante aos meus olhos, já que no caminho historiográfico várias abordagens do objeto devem se fundir na

busca do esquadrinhamento do passado. Procurando entender as intenções e os movimentos sociais que influenciaram Machado de Assis na construção do personagem Dr. Simão Bacamarte e de sua epopéica tragédia, tentei indicar a unicidade da obra de contos *Papéis Avulsos*, na qual o conto estudado é parte integrante, tendo como natural a materialização e apreensão de sensibilidades de uma época nas expressões artísticas que brotam delas; assim, espero trazer reflexões e pistas sobre o imaginário da sociedade de Machado.

A vida e a obra do autor foi estudada, não acreditando que o fosse necessário por completo, pois a visão ampla e geral de sua vida, juntamente com o estudo aprofundado do conto escolhido, bem como alguns textos a título de enriquecimento se mostraram suficiente. A leitura de alguns textos de Waldeci Resende Borges, Sandra Jatahy Pesavento, Nicolau Sevcenko, Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Maria de Lourdes Eleutério, Beatriz Sarlo, Carlo Ginsburg, Mikail Bakhtin e Roger Chartier¹³, ajudou-me bastante até o momento na instrumentalização de minhas abordagens no que se refere às práticas de desvelamento do objeto literário.

¹³BORGES, Waldeci Resende. História e Literatura: Uma Relação de Troca e Cumplicidade. In: **História & Perspectivas**. Uberlândia: Revista do Curso de História, N.9, jul./dez.1.993, p.p.31-42; PESAVENTO, Sandra Jatahy, Indagações sobre a História Cultural. In: **Artcultura**. Uberlândia: UFU, V. 03, N. 03, 2001, Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. In: **Estudos de História**. Franca: Revista do Curso de Pós-Graduação em História, V.6, N.1,1.999, p.p.67-85 e Com os olhos de Clio ou a literatura sob o olhar da história a partir do conto O alienista, de Machado de Assis. In: **Revista Brasileira de História**, V.16, N. 31 e 32, 1996, p.p. 108-118; SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit, CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: PubliFolha,2.000,8ª ed; BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix.1994, 37ª.ed; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Um desafio irrecusável: a contribuição da literatura para os estudos da História., In: **Sentidos da Comemoração**. São Paulo, Educ, 1981, p.233. A professora Maria de Lourdes Eleutério, doutora em Sociologia pela USP, analisou neste artigo, a vida e a obra do literato Oswald de Andrade, perpassando o período de 1890 a 1954 e procurando compreender a imbricação do autor e sua produção questionadora do mundo; SARLO, Beatriz. Clio Revisitada. In: **Paisagens Imaginárias**. São Paulo, Edusp, 1997, P.P. 75-106; GINZBURG, Carlo. A história e a micro-história: entrevista com Carlo Ginzburg. In: **LPH/Revista de História de Ouro Preto**. Vol. 1, nº1, 1990; Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mito, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; **Olhos de Madeira – nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001, e **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987; BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987; e por fim, CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990 e O mundo como representação. In: **Estudos Avançados 11.**, 1991.

Perpassando o pensamento de filósofos e escritores, como Arthur Schopenhauer e Miguel de Cervantes, que certamente fizeram parte do repertório intelectual de Machado e que consolidaram-se como um cânone particular, perguntei: Terá razão e verdade aqueles que supuseram ser Machado de Assis, um descompromissado com a realidade de seu tempo, já que diferente de outros escritores da época, ele não atacava ferozmente a realidade social com teses e propostas claras de transformação? Demonstrar que Machado de Assis é filho de seu tempo foi meu desejo; para isso procurei traçar semelhanças e influências da *Filosofia do Consolo* na narrativa machadiana. Dentro desta, a análise recaiu sobre o legado quixotesco que, além de possuir em si uma filosofia própria de postura perante a vida social, formata as estruturas fundantes do texto em uma mistura adequada de gêneros que redefinem a dinâmica da narrativa. Até que ponto encontramos afinidades entre *Don Quixote de La Mancha* e *O alienista*?

Então, após o prólogo as cenas se desenvolveram. Faço voto que não lhes seja enfadonho.

Boa leitura!

PRIMEIRO INTERVALO LÚDICO

Velho maluco

No hospício, o maluco chega para o diretor e pergunta:

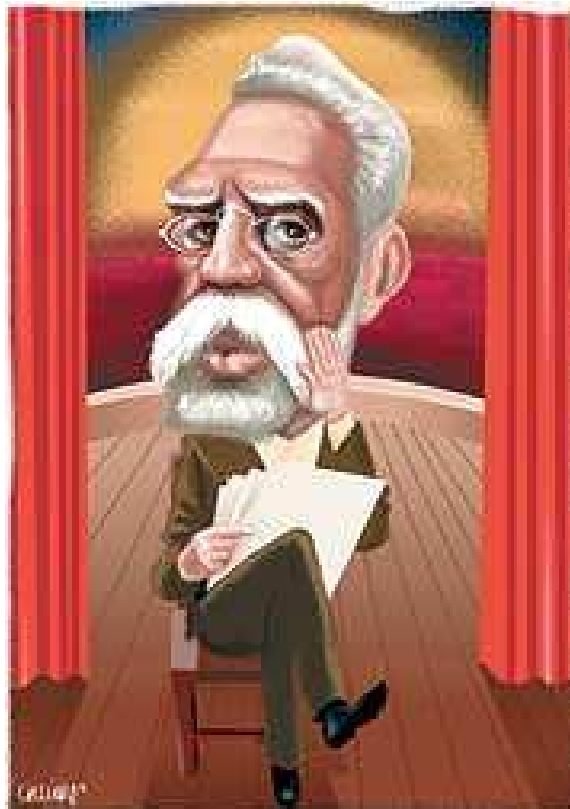
- Quem é o senhor?

- Eu sou o diretor do manicômio.

- Ah! Sai dessa! Eu entrei aqui achando que era o Papai Noel e não saí até hoje!

1º. ATO

Machado de Assis ...



Representação de Machado de Assis em um palco.

... E O CENÁRIO.

CENA 01

O CENÁRIO

O historiador, Nicolau Sevcenko, na obra *'Literatura como missão'*¹ percebe o imaginário carioca acerca do período do último quarto do século XIX até os primeiros anos do século XX, através da análise privilegiada de dois autores, Euclides da Cunha e Lima Barreto.

O Brasil neste período passava por grandes mudanças políticas e sociais e todos esses os fenômenos históricos inevitavelmente estavam presentes, de maneira ativa, passiva ou de outra forma qualquer, na produção literária. Principalmente no Rio de Janeiro, a capital político-cultural do país, transitando ao transpor do século XIX e causando mudanças substanciais que apontariam o século XX, chegou a Belle Époque; uma regeneração almejada e implantada sob padrões filosóficos, econômicos, políticos e culturais europeus, sendo a França o modelo a ser seguido de ordem e estética.

O autor trabalha na intenção de entender as peças literárias como o termômetro social da mentalidade e sensibilidade de uma época, percebendo o movimento de reorganização de um sentimento ufanista à medida em que as condições técnicas e as ideologias humanistas e científicas se impõe na construção do cenário urbano do Rio de Janeiro, trazendo à literatura o patamar de utilitarismo social em detrimento ao antigo aspecto decorativo.

Mas do que somente acreditar na literatura e sua importância para a pesquisa histórica, o autor mostra efetivamente como trabalhar estas fontes buscando resgatar as sensibilidades deixadas feito rastro nos textos fictícios.

Pode-se portanto pensar numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das idéias não consumidas. A produção

¹ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1.985, 2^o.ed.

dessa historiografia teria, por consequência, de se vincular aos agrupamentos humanos que ficaram marginais ao sucesso dos fatos.²

A contextualização do momento vivido da sociedade carioca é caracterizada como uma inserção compulsória do Brasil na Belle Époque, situação contraditória que se explica no levantamento de características cotidianas anacrônicas e atemporais importadas da Europa, sobretudo da França. Em uma metamorfose social, transvalora-se princípios fundamentais de constituição da sociedade, tais como os hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional. Assim, a estética e a cultura popular são percebidas e vistas como prejudiciais à imagem de civilidade e organicidade social. Claro que falamos aqui de um jogo de poderes em que fatalmente o projeto civilizatório possui melhores estratégias de domínio.

Depois da abolição da escravidão e a crise do café sucedeu-se na cidade do Rio de Janeiro um 'Inferno Social', ajudando a caracterizar ainda mais a situação desfavorável às camadas sociais menos favorecidas economicamente. Sevcenko demonstra como a condição de reorganização do espaço urbano cria, ou melhor, amplia a tensão social, coincidindo com a institucionalização da pobreza, da fome e da loucura.

No ano de 1889, registraram-se 77 entradas no Hospício; esse número subiu para 498 em 1890, caracterizando um crescimento de 646%, e elevou-se para 5546 em 1898, ou seja, num aumento de 1113%! No período de dez anos de 1889 a 1898, houve 6121 internamentos, assinalando um crescimento de 7849% do primeiro para o último ano, com uma média anual de 612 casos, o que significa cerca de doze entradas por semana.³

A citação acima referenda a existência de um projeto normalizador que

² Idem, *Ibidem*, p.p. 21-22.

³ Idem, *Ibidem*, p.p.62-63.

procedia rapidamente, favorecendo a obtenção de poderes institucionalizadores. A constituição da psiquiatria no século XIX se dá no período em que diversos esforços estavam sendo feitos para higienizar as cidades. Além disso, muitas teorias levantadas acerca da insanidade mental estão baseadas nas teorias eugenistas. Pensar a atuação da psiquiatria neste período é considerar fundamentalmente a aliança com os discursos de medicalização da sociedade, medidas estas que se tornam visíveis com o racionalismo moderno.

As casas para encerrar os portadores de transtornos mentais no século XIX, agora bastante remodelados, fugindo do modelo asilar antes conhecido, se legitima na sociedade, juntamente com o crescimento das cidades. Médicos reconhecidos pela sociedade da época são vistos como pessoas caridosas, humanas, detentores de muito conhecimento a ponto de sanarem muitos problemas sociais.

Neste contexto, os literatos viram-se num contexto transitório que caminhava aos projetos oficiais e burgueses que, por vezes, era encarado como amesquinhador do potencial crítico e criativo. Mas diferente disso, a produção tanto de Euclides da Cunha e Lima Barreto como de outros como por exemplo Machado de Assis, traz obras de profunda análise crítica do social, tendo contudo uma multiplicidade de abordagens que diferenciam-se a partir da visão do autor e de como este vislumbrava a transformação através da literatura. Todavia, houve uma transformação vital na condição particular dos intelectuais e dos literatos tradicionais que naturalmente tendiam aos meios oficiais (jornalismo, funcionalismo, política partidária) disputando espaço e a sobrevivência econômica e cultural.

Na economia, o liberalismo; na filosofia, o humanitarismo; na religião, o positivismo; e, na Literatura, o utilitarismo. A vanguarda científica européia trouxe-nos os avanços das Ciências Naturais: a Medicina Social legitimou intervenções no espaço urbano; o Darwinismo explicou a existência da espécie humana; a Microbiologia permitiu a Revolução Sanitária; e, a Física/Química Aplicada que forneceram as bases para a Revolução Tecnológica, desdobramento da guerra do Brasil contra o Paraguai (1865) e outras guerras e

Revoluções Industriais internacionais. Todas estas novidades tecnocráticas respaldaram as novas teorias médicas sobre a loucura⁴, possibilitando, ou impondo, à medicina alopática o 'direito e dever' de institucionalizá-la.

Todos esses 'ismos' favoreceram o aparecimento de correntes realistas de nítidas intenções sociais, visto que o aburguesamento da sociedade propiciava e incentivava a individualização mais marcante, a construção do 'eu', suas considerações, posicionamentos e particularidades diversas.

Machado de Assis é considerado por Alfredo Bosi, crítico literário, como o dono da mais refinada e equilibrada prosa realista brasileira e possuidor de um estilo profundo e universalizante. Machado, que também passou por uma fase romântica, escreveu poesias, novelas, romances, crônicas e artigos em jornais, mas foi nos contos, certamente, que mostrou, com toda a sensibilidade inerente à sua pessoa, o olhar míope (daqueles que precisam olhar bem de perto e perceber os detalhes sutis, como ele mesmo disse) sobre a personalidade humana.

(...) Machado de Assis trouxe-nos algo que transcende a sua posição de homem de letras: é o fermento crítico injetado no cerne de nossa cultura, ao focalizar as perplexidades todas do ser humano, paradoxalmente visto como valor fundante e, ao mesmo tempo, destituído de sentido próprio na imanência de sua dolorosa e imprevisível trajetória.⁵

⁴Teoria da degenerência -Tuke e Pinel - que registrava a gênese da loucura em características genéticas e morais, facilmente ligadas às camadas mais pobres da sociedade; e teoria do Alienismo - Morel e Maudsley- que implementava um conjunto de práticas de institucionalização da loucura, classificação e esquadramento da população asilar.

⁵ REALE, Miguel. **A filosofia na obra de Machado de Assis & Antologia filosófica de Machado de Assis**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1.982.p.22.

CENA 02



Machado de Assis *e o Realismo*

O Realismo na literatura brasileira

Surgiram os preceitos do Realismo, que valorizavam a objetividade nas concepções filosóficas e artísticas. Na literatura francesa, Gustav Flaubert lançou o livro *Madame Bovary* e inaugurou o Realismo na França. Nas obras desse movimento, os personagens passam a ser apresentados como pessoas comuns, com virtudes e defeitos, e não como heróis perfeitos e romantizados. O que interessou ao Realismo foi a realidade presente, atual, e não o passado bucólico. Os realistas acreditavam que as leis naturais e as ciências podiam e deviam explicar a realidade social.

Na literatura, o Realismo-Naturalismo, que foram formas ideológicas também importadas da Europa e adaptadas à brasilidade⁶, conflui toda esta pluralidade de abordagens numa sociedade multifragmentada e contraditória que incita a criação de uma perspectiva particular e pessoal. A necessidade de expor os desejos e frustrações, tristezas e alegrias, prazer e dor, torna-se vital neste momento para aqueles que sentiam que a veloz eletricidade já ia passando levando consigo o bonde da história. É neste contexto que nascem

⁶ Entendendo por 'brasilidade', a Mentalidade do carioca do último quartel do século XIX. Segundo a definição de Jacques Le Goff "(...) a mentalidade de um indivíduo, mesmo que se trate de um grande homem, é justamente o que ele tem de comum com outros homens do seu tempo". Pois, então, Mentalidade sendo sempre coletiva, a concepção clássica de História Intelectual, na produção do imaginário, a reconstituição dos sentimentos, das sensibilidades próprios aos homens de dada época, é fundamental, assim como as categorias psicológicas, para construir o tempo e o espaço.

as obra-primas de Machado de Assis: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *O alienista* entre outras.

Neste momento, pela primeira vez no Brasil, criou-se um panorama favorável às instituições culturais e literárias. Os jornais impressos faziam-se ler, levando os folhetins e as crônicas a uma relativa recepção favorável por pequena parte da sociedade letrada⁷. Machado de Assis fundou em 1897, juntamente com alguns amigos, a Academia Brasileira de Letras. Esta veio, de certa forma, oficializar a literatura em nosso país como algo da produção nacional.

Cronologicamente o Realismo e o Naturalismo no Brasil, diferente do que aconteceu na Europa, desenvolveu-se simultaneamente. Os marcos referentes ao início, segundo os críticos, são, no Realismo; '*Memórias Póstumas de Brás cubas*', de Machado de Assis, em 1881; e no Naturalismo, '*O mulato*', de Aluísio Azevedo, no mesmo ano. E, em 1893, surge '*Missal*' e '*Broquéis*', de Cruz e Souza, inaugurando o período chamado Simbolismo⁸. Estes marcos temporais somente poderão ser entendidos como recursos didáticos, pois o processo histórico nunca se deu de maneira fracionada; assim podemos conjecturar que as condições materiais e imateriais dispostas no Rio de Janeiro naquele dado momento possibilitaram o surgimento de uma mentalidade condizente com os princípios dos movimentos Realista, Naturalista e Simbolista que, efetivamente, se entrelaçam, e que esta mentalidade foi co-criadora dessas obras.

O Realismo foi o período em que a conjuntura social do Brasil indicava e necessitava de uma intervenção mais politizada das artes e dos artistas⁹. A literatura realista preocupou-se com uma busca de objetividade, de métodos de

⁷ ARAÚJO, Ricardo. Machado de Assis e os novos meios: entre o livro e o jornal. In: **D.O.Leitura**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, A. 18, n.º 06. junho de 2000, p.p. 35-39.

⁸ ANDRADE, Fernando Teixeira de. Realismo-Naturalismo In: **Literatura I**. São Paulo: Centro de Recursos Educacionais, 1987. Pode-se encontrar sobre o assunto em sítios virtuais, como por exemplo nos <<http://www.tg3.com.br/machado/>> e <<http://www.academia.org.br/machado.htm>>.

⁹ "A arte ama a quem a ama inteiramente, só e unicamente; e eu precisava amá-la porque ela representava não só a minha Redenção, mas toda a dos meus irmãos, na mesma dor (...) porque cumpri o meu dever, executei à minha missão: fui poeta!" SEVCENKO, Nicolau. Op.Cit., p. 233. (apud fala de um personagem de Lima Barreto).

documentação dos fatos, enfim, aproximou-se do ofício do historiador, relacionando as micro-realidades do cotidiano com a conjuntura política e social do Brasil, constituindo-se uma verdadeira interferência social sob a máscara da Literatura. As representações idealizadas da sociedade e das relações sociais, características de um período anterior chamado de Romantismo, eram agora criticadas e ironizadas. Em um movimento novo, surge na produção literária de Machado de Assis a busca singular e introspectiva de seus narradores e personagens de razões e explicações gerais que pudessem dar conta da realidade vivida e resolver-lhes as contradições. Sem, contudo, alcançá-las.¹⁰

Machado de Assis desenvolveu um estilo próprio de escrever que o diferenciou dos demais escritores. Numa perspectiva, quase sempre, cética e bem humorada, o autor envolve seus leitores em um bem estruturado jogo de metalinguagem, transformando-os em cúmplices da trama. Sua visão objetiva da vida (e da morte, que é o fim da primeira), oblitera os finais felizes de suas histórias que outrora lhe acometiam os romances. Características inerentes à Machado, como o escárnio diante do poder, a análise profunda e a descrição densa de seus personagens, a reflexão sobre a mesquinhez e sorte humana, a cultura intertextual que se mostrava culta sem perder a oralidade popular, a crítica dos padrões de comportamento e das intenções burguesas de institucionalização, um interesse filosófico sobre a história, seu humor sarcástico e inquieto, fizeram sobrepor as obras deste às demais.

¹⁰ Certamente o maior exemplar, nesse sentido, é o livro de contos 'Papéis Avulsos' (no qual encontra-se o 'O alienista'), que traz doze contos-teorias da personalidade e comportamento humano.

SEGUNDO INTERVALO LÚDICO

Loucura

Dois loucos estavam há 10 anos no hospício. O diretor resolveu fazer um teste: se eles provassem que estavam normais, poderiam ir para casa. Ele levou os dois em uma farmácia e pediu para fingirem que eram cliente e balconista.

O louco que era cliente bateu a mão no balcão e disse:

- Me vê cinco pães!

O outro respondeu:

- Você trouxe os cascos?

E eles ficaram mais 10 anos no hospício.

2º. ATO

LITERATURA E LOUCURA



Representação ilustrativa da obra de Miguel de Cervantes, *Don Quixote de La Mancha*.

Fonte do prazer e do medo, essa substância impessoal é um recurso poderoso para a existência humana, mas significa também um dos seus primeiros limites. As potencialidades do homem só fluem sobre a realidade através das fissuras abertas pelas palavras. Falar, nomear, conhecer, transmitir, esse conjunto de atos se formaliza e se reproduz incessantemente por meio da fixação de uma regularidade subjacente a toda ordem social: o discurso. SEVCENKO (1.985), p. 19.

CENA 01

A CIÊNCIA DA FICÇÃO

Dizem que o autor deveria evitar qualquer contato com a psiquiatria e deixar aos médicos a descrição de estados mentais patológicos. A verdade, porém, é que o escritor verdadeiramente criativo jamais obedece a essa injunção. A descrição da mente humana é, na realidade, seu campo mais legítimo; desde tempos imemoriais ele tem sido um precursor da ciência e, portanto, também da psicologia científica Freud, Sigmund. 1906-07, p. 50.

Se acreditarmos que a literatura pouco se serviu da loucura e seus agentes durante todos esses séculos de cultura escrita, estaremos caminhando por caminhos enganosos. Efetivamente, a loucura sempre motivou discursos que por sua vez tentavam, independentemente das tramas ficcionais que continham, envolver os receptores desses discursos numa definição morfológica, patológica, dialética ou qualquer outra, daquilo que chama-se: loucura.

Morfologicamente, a palavra 'loucura' é resultado de uma sufixação sobre a palavra 'louco', louco + -ura. Para 'louco', no dicionário *Aurélio*¹ de Língua Portuguesa, encontramos a observação: 'de origem obscura'. O que nos traz uma pista do quão longínquo pode estar o início do entendimento daquilo que seria loucura para os grupos humanos. Neste sentido, podemos buscar o signo para respaldar a semiótica, sem contudo encontrar definição clara e una.

Sabemos, através dos estudos de Michel Foucault, que somente a partir do final do século XVII e início do XVIII é que a loucura começa a ser, efetivamente, institucionalizada, sendo compreendida pela primeira vez como

¹Louco + -ura ; Louco [De or. obscura.] Adj. 1. Que perdeu a razão; alienado, doido, demente; 2. Que está fora de si; contrário à razão ou ao bom senso; insensato; 3. Dominado por paixão intensa; apaixonado, perdido; 4. Que se porta de maneira pouco sensata, inconveniente; esquisito, excêntrico; 5. Imprudente, imoderado, temerário; 6. Estróina, extravagante, doidivasas; 7. Travesso, brincalhão, folgazão. 8. Fora do comum; incomum, enorme, extraordinário; 9. Diz-se daquilo que revela loucura; S. m. 10. Indivíduo louco. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI, versão 3.0, Editora Nova Fronteira e Lexikan Informática, novembro de 1999.

um mal orgânico para a sociedade. Sociedade que vivia o esplendor de um movimento iluminista que indicava transformações conjunturais de ordem política e social. Mais tarde, a partir dos postulados de Esquirol, a loucura deixa o campo exclusivo da psicopatologia e passa a ser entendida em um conjunto de neuroses particulares, interpretadas como monomanias, um reflexo de uma má conduta moral.

Como exemplos famosos de autores e obras literárias que trabalham com, ou representam a loucura, cito: *Le Neveu de Rameau*, de Denis Diderot (cuja eleição e análise de Foucault em *História da loucura na Idade Clássica*, ajudou a transformar a historiografia mundial, principalmente no que se referia à temática da loucura); *Don Quixote De La Mancha*, de Miguel de Cervantes (a mais famosa e renomada mundialmente); *O elogio da loucura*, de Erasmo de Rotherdan; *Hamlet*, *Rei Lear* e *Macbeth*, de William Shakespeare; *Édipo Rei*, de Sófocles; *Fausto*, de Goethe; *Diário de um louco*, de Gogol; *Teatro e seu duplo*, de Antonin Artaud; *A terceira margem do rio*, de João Guimarães Rosa; *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; *O alienista*, de Machado de Assis. Outras formas literárias que não sejam romance, conto ou peça teatral, são os relatos autobiográficos ou apenas biográficos de pessoas que vivenciaram a dura realidade de estar sob o paradigma da loucura.

Recorrendo aos escritos autobiográficos, Roy Porter nos brinda com um belo exemplo de análise de discursos de cerca de duas dezenas de pessoas “loucas”, em seu livro intitulado *Uma história social da loucura*². Entre estas pessoas estão; Artaud, Nietzsche, rei Jorge III e vários outros. O autor explicita que seu objetivo circunscreveu-se ao exame do discurso em si, numa abordagem do consciente e não do inconsciente, tendo como pontos de referência: a linguagem, a história e a cultura. Busca-se, através das idéias, valores e aspirações, medos e esperanças dos loucos, perceber a lógica que os textos traziam, mesmo que fosse uma lógica espelha daquela oficial refletida pela sociedade sã. Porter, assim como afirma, acredita no poder que o discurso do louco tem de escancarar as hipocrisias e contradições do mundo não-louco, colocando à prova os padrões unilaterais de verdade e falsidade, realidade e

²PORTER, Roy. *Uma história social da loucura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2º. Ed., 1991.

ilusão.

Certo é que a literatura vem sendo um instrumento privilegiado de demonstração da exterioridade de um mundo 'de dentro' da ordem oficial, *status quo*. Por entre narrativas e personagens, é possível indicar um mundo idílico com a licença de representá-lo ricamente adornado por subjetividades. É como se a literatura não representasse e nem ao menos fizesse parte do mundo, fosse seu negativo, sua antimatéria³; mesmo assim, teríamos uma ótima fonte de representação social, pois até os loucos, personagens ou autores, pertencem ao seu tempo.

CENA 02

LOUCURA EM MACHADO DE ASSIS



³PELBART, Peter Pál. Literatura e loucura. In: RAGO, Margareth et alli (orgs). **Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.p. 287-298.

TRADIÇÃO DE LA MANCHA

Carlos Fuentes, escritor mexicano e considerado um dos mais importantes escritores latino-americanos da atualidade, em um texto publicado no caderno cultural do jornal 'Folha de São Paulo', *Machado de La Mancha: Machado de Assis, herdeiro de Cervantes*⁴, traça um legado quixotesco na obra de Machado de Assis, o que pode nos auxiliar não somente no entendimento do cânone de formação cultural de Machado, mas principalmente no entendimento de como a ruptura na estrutura e forma narrativas fizeram-se uma descoberta no tratamento da loucura em suas obras. "Em um século dominado pelo realismo, o brasileiro foi o único escritor ibero-americano a resgatar o 'Don Quixote' de Cervantes e prenunciar a imaginação e a mestiçagem da literatura latino-americana atual"⁵ Nesta perspectiva poderemos entender melhor a construção da narrativa do autor de *O alienista*⁶.

Machado de Assis talvez não pudesse ser chamado de um tradicionalista, contudo, diferente da maioria dos pensadores de seu tempo, não acreditava que poderíamos nos tornar um país moderno negando nossas tradições, o passado. Não há criação sem tradição, nem tradição sem criação. Segundo Fuentes, há duas grandes tradições, que se impõem, de certa maneira, uma sobre a outra de forma alternada: a tradição de Waterloo e a tradição de La Mancha. A de Waterloo refere-se, naturalmente, ao estilo bonapartista de lidar com os assuntos e à saga da Revolução Francesa, maneira objetiva de atuar sobre a realidade. Já a de La Mancha é um convite aos sonhos, a imaginação, a magia, uma maneira oportuna de transformar a

⁴FUENTES, Carlos. Machado de La Mancha: Machado de Assis, herdeiro de Cervantes. In: **Folha de S.Paulo – Mais!**, Domingo, 01 out., 2000, pp.06-11.

⁵ Ibidem. p.06

⁶*El Ingenioso Hidalgo Don Quixote de La Mancha*, obra escrita em Madri, 1605, por Miguel de Cervantes Saavedra, tornou-se parte integrante de um cânone universal, não apenas na literatura ocidental, mas em todas as esferas artísticas. Tendo sido traduzida para mais de sessenta (60) idiomas diferentes por todo o mundo, o anti-romance de cavalaria rompera com o gênero épico tradicional e instaurara uma forma *sui generis* de narrativa no trato de um protagonista individualizado e seu destino: embalado pelas leituras cavaleirescas, Dom Quixote perde a noção das fronteiras entre o real e o imaginativo.

realidade, ficcionando-a pela linguagem, ironia e mistura de gêneros.

Entre as duas tradições, Machado de Assis, nascido em 1839 e morto em 1908, revalida a tradição interrompida de La Mancha e permite-nos contrastá-la, de modo muito geral, com a tradição dominante de Waterloo.

A tradição de Waterloo afirma-se como realidade. A tradição de La Mancha sabe-se ficção e, mais ainda, celebra-se como ficção.

Waterloo oferece fatias de vida. La Mancha não tem outra vida afora a de seu texto, feito à medida em que é escrito e é lido.

Waterloo surge do contexto social. La Mancha descende de outros livros.

Waterloo lê o mundo. La Mancha é lida pelo mundo. Waterloo é séria. La Mancha é ridícula.

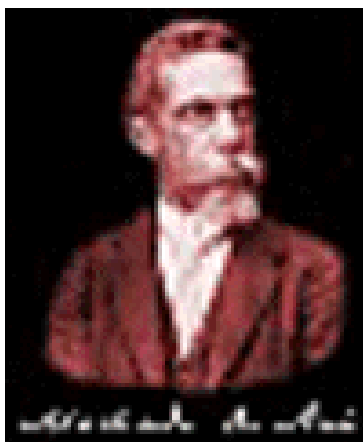
Waterloo baseia-se na experiência: diz o que já sabemos. La Mancha baseia-se na inexperiência: diz o que ignoramos.

Os atores de Waterloo são personagens reais. Os de La Mancha, leitores ideais.

E, se a história de Waterloo é ativa, a de La Mancha é reflexiva.⁷

CENA 03

MACHADO DE LAMANCHA



⁷ FUENTES, Carlos. Op. Cit. p.p. 07-08.

De acordo com ⁸ Roberto Gomes, o personagem machadiano, Simão Bacamarte, surge como um moderno cavaleiro andante da ciência e o paralelo entre a obra quixotesca de Cervantes é evidente:

Mesmo que se queira evitar, em vários momentos nos invade a mente a imagem do Quixote. E nem lhe falta um Sancho Pancha na figura servil, medrosa e chã de Crispim Soares, que seria a imagem vivaz do vulgo. Em seus combates, Bacamarte cruza lanças não contra moinhos de vento ou cavaleiros andantes, mas contra teorias e idéias vulgares - as quais, submetidas a seu espírito privilegiado, acabam se revelando igualmente fantasmagóricas. Desastrado e delirante como Quixote, sua empreitada também terminará em morte. Mal erguia seu próprio mito, a ciência já encontrava um quixote-alienista para lhe apontar seu fim (enquanto meta e enquanto morte) - mas, no caso, os quixotes eram multidão triunfante, não só na ciência, mas também na política e nas artes. Enquanto o século delirava, machado limitava-se a compor seu texto.⁹

E trazendo evidências da influência de Cervantes e da tradição La Mancha, o autor recapitula as formas épicas de narrativa trilhadas por Machado de Assis, passando por Laurence Sterne (1713/1768) e Denis Diderot (1713/1784), e suas obras *Tristram Shandy* e *Jacques o Fatalista*, respectivamente.

Em uma espécie de dialética da narrativa, a tradição La Mancha trouxe uma metalinguagem explícita onde os personagens conhecem claramente sua condição ficcional e sabem-se lidos e escritos por eles mesmos, algo como uma análise de reflexão nada impassional. No romance *Memórias Postúmas de Brás Cubas*, obra de 1881 (ou seja, ano de criação do livro de contos *Papéis Avulsos*, no qual insere-se *O alienista*), Machado inaugura o momento maduro de sua literatura, onde demonstra toda a sua capacidade de expressão através de formas contundentemente realistas; e, demonstra a força de seus pensamentos, sentimentos e influências niilistas e quixotescas. Em um dos pequeninos capítulos dentre uma infinidade que compõem a obra, aquele chamado 'Ao leitor' - uma espécie de prólogo - traz um desabafo do defunto-

⁸GOMES, Roberto. O alienista: loucura, poder e ciência. In: **Tempo Social – Rev. Sociol.**, São Paulo: USP, 5(1-2), 1993, p.p.145-160.

⁹ GOMES, Roberto. Op. Cit. p.p.156-157.

autor Brás Cubas e indicando a tradição de La Mancha.

Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um *Sterne* ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. (...) A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus. (grifo meu)¹⁰.

Confirmando a influência de *Sterne* à Machado e de Cervantes à *Sterne* e traçando o caminho de volta à *Don Quixote*, Fuentes volta-se para a grande obra de *Sterne* e comenta:

E enquanto *Sterne* diz, no *Tristram Shandy*, que tomou sua forma “do incomparável cavaleiro de La Mancha a quem, seja dito de passagem, eu amo mais, a despeito de todas as suas sandices, do que ao maior dos heróis da Antiguidade e por quem mais longe eu iria par fazer uma visita¹¹.

Mas esse anuviar dentre as fronteiras tanto da ficção/realidade-ficcional como da realidade/ficção-real, criado por Cervantes e que por sua vez inaugurou o romance moderno, seguido por *Sterne* e Machado, não se limita a um recurso de gênero ou da narrativa simplesmente. Bem mais que isso, trata-se de um instrumento político de posicionamento perante uma realidade social que não condiz com a esperada, que transgride a liberdade de sentimentos e expressividade e faz frente à insatisfação humana (Machado acreditava ser esta insatisfação inerente a alma humana, por isso sua visão descrente da vida, do futuro e de seu tempo que, apesar de cientificista e portanto transformador, mostrava-se sem sentido). Para Cervantes, os dogmas do Concílio de Trento, das leis da pureza de sangue ou da Santa Inquisição eram motivos suficientes para se subverter a ordem do pensamento e instaurar a visão quixotesca da realidade. E para o nosso romancista eleito? O que levou

¹⁰ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2^a ed., 1977, p.100.

¹¹FUENTES, Carlos. Op. Cit. p.10.

Machado de Assis a recuperar a tradição de La Mancha e criando obras literárias sublimes, como *O alienista* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, para o entendimento da representação do Rio de Janeiro, do Brasil de fins do século XIX ? De que realmente trata a subversão machadiana? Apatia política, ceticismo despretensioso, política niilista ou outra coisa ?

Tentando indicar algumas direções de entendimento para estas questões, trago, entre outros, a professora Mônica Pimenta Velloso que faz uma análise daquilo que ela chama *A modernidade carioca*¹², no Rio de Janeiro. A autora defende que no Rio de Janeiro, o Modernismo - que não se constituiu exclusivamente um movimento paulista - possuiu um caráter fragmentário expressado de maneira boêmia, tendo a rua como local privilegiado de inspiração, ou melhor, no Rio de Janeiro o Modernismo, diferente de São Paulo, é caracterizado por uma transformação espontânea proposta pelos intelectuais.

A crítica da domesticação e racionalização do tempo se traduz na transformação radical da percepção e das sensibilidades urbanas. Este tempo padronizado é o arquiinimigo dos boêmios que preferiam a criação livre e solta à produção planejada e linear. “Cada vagabundo da rua é uma inteligência espontânea, criadora de frases que logo a cidade toda aceita e não sabe criar (...)” Orestes Barbosa, 1922.¹³

Aqui há um conflito declarado entre a arte e a técnica, e é nesta tensão que Machado de Assis descreve em uma crônica toda a seu lamento da fragmentação da arte impulsionada pelas tecnologias do pós-guerra do Paraguai, para ele a narrativa passa por uma transformação que lhe dá uma roupagem menos prazerosa e distraída e mais atenta e tensa, um tempo de deleite literário que foi roubado pela técnica.

¹²VELLOSO, Monica Pimenta. A modernidade carioca. In: **Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.p. 21-34. A autora se debruça sobre o aspecto cultural peculiar vivido no transpor do século XIX para o XX, analisando como as invenções tecnológicas, se não eram, pareciam absurdas e fora do lugar. Através do humor non-sense e da perplexidade alcançava-se o questionamento da visão científico-tecnológica que demonstrava ser o que de mais moderno se importava da Europa. Buscando entender o modernismo enquanto processo histórico inserido na dinâmica social e desvinculado da idéia de movimento intelectual organizado, reavaliar a participação dos intelectuais cariocas no cotidiano urbano.

¹³VELLOSO, Monica Pimenta. Op. Cit. p.26.

(...) não tínhamos ainda esse cabo telegráfico, instrumento destinado a amesquinhar tudo, a dividir novidades em talhadas finas, poucas e breves. Naquele tempo, as batalhas vinham por inteiro, com bandeiras tomadas, mortos e feridos, número de prisioneiros, nome dos heróis do dia (...).¹⁴

Mas, nem todos possuíam canais oficiais para expressar suas opiniões dentro de uma fragmentação social que criara uma cidadania paralela numa modernidade que expressava um desajuste na integralização dos discursos e paradigmas importados da Europa e a realidade social que se apresentava no cotidiano carioca. A partir daí os intelectuais encontraram uma brecha para criar um mundo quixotesco que usufruía a imaginação carnavalizada, a cidade idealizada do Rio de Janeiro é uma piada da condição real em que viviam. A figura do malandro com seu violão debaixo do braço fazendo chorar a brasilidade, seria expressão daquilo que era pejorativamente colocado na 'ilegalidade', no lado marginal da sociedade. Dada a sobreposição do instrumento percebida nos nossos dias atuais podemos perceber que o processo de resistência nunca deixou de lado sua bandeira, apesar de ter sido duramente combatido pelos meios de manipulação da opinião pública. Percepções diferenciadas do tempo e do espaço constroem o modernismo carioca fazendo coexistirem valores culturais múltiplos. Assim, perante estas representações quixotescas da realidade, que não eram poucas sendo que os jornais cariocas apresentavam através de charges e crônicas apenas um resumo daquilo que se vivia nas boêmias ruas cariocas, a autora ao estilo baktiniano¹⁵ propõe: Porque não pensar o humor como elemento integrante da modernidade brasileira?

Ainda segundo Carlos Fuentes, Machado é o receptor e reproduzidor das múltiplas contradições da América-latina, mais que Cervantes ou Sterne seu humor e sua ironia conseguem ir mais além delineando uma “denúncia da

¹⁴ ASSIS, Machado de. **A semana (1894-95)**. Rio de Janeiro: Jackson, 1959, 224-5.

¹⁵ Refiro-me, em específico, ao conceito de Circularidade Cultural, no qual percebemos a dinâmica de recriação constante da cultura erudita pela cultura popular e vice-versa. Cf. BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

pretensão e da hipocrisia implacável que se escondem nos seres comuns”; sua literatura mestiça é o mundo de La Mancha: lição de casa na árdua tarefa de “ler a sério a prosa melancólica, difícil e dura, dos latino-americanos”.

Machado de Assis, Machado de La Mancha, o milagroso Machado, é um “adelantado” do mundo da imaginação e da ironia, da mestiçagem e do contágio em um mundo cada dia mais ameaçado pelos carrascos do racismo, da xenofobia, pelo fundamentalismo religioso e por outro implacável fundamentalismo: o do mercado. (...) Machado, o brasileiro milagroso, continua a nos decifrar porque continua a nos imaginar, e a verdadeira identidade ibero-americana é somente a da nossa imaginação. Imaginação literária e política, social e artística, individual e coletiva.¹⁶

No entendimento da obra machadiana *O alienista*, a análise da tradição de La Mancha e os paralelos existentes entre elas proporciona o entendimento e a historicidade do pensamento de Machado de Assis, que certamente é filho de La Mancha. E : “Filhos de La Mancha duplicam todas as verdades para impedir que se instaure um mundo ortodoxo, da fé ou da razão, ou um mundo puro, despojado da sujeira passional, cultural, sexual, política, das mulheres e dos homens.”¹⁷

Da mentira para a verdade. Este é o caminho utilizado por Quixote, cuja história, de acordo com Dostoiévski, é a mais triste que já se escreveu, pois se trata de desiludir uma loucura que traz a morte ao protagonista. Também é este o caminho do Dr. Simão Bacamarte, que durante toda a sua corrida ao encontro dos limites exatos entre a sanidade e a loucura traça vários ‘mundos imaginários’ aonde havia um contingente de insanos necessitando de cura psiquiátrica e um pequeno - e sempre sob suspeita - grupo de equilibrados mentais. No momento em que Dr. Simão mergulha profundamente em suas pesquisas científicas, sempre acreditando no poder inesgotável de análise das

¹⁶ FUENTES, Carlos. Op. Cit. p.11.

¹⁷ Idem. Ibidem.

mesmas, dá-se como o único 'louco', o único digno de análise por si mesmo, sendo que possui em si mesmo a teoria e a prática. Assim como Quixote, seu trágico fim também é a morte¹⁸. E somente ela - a morte - consegue clarear a verdadeira verdade na loucura do louco. O único preço a ser pago pela verdade!

Se se percebe um Rio de Janeiro polarizado entre dois campos rivais, o quixotesco e o turunesco¹⁹, como nos fala Mônica P. Velloso, ou o de tradição de La Mancha e o de tradição de Waterloo, como nos fala Carlos Fuentes, compreendemos o universo criativo no qual Machado de Assis está inserido. Um Rio de Janeiro que vive diariamente as contradições entre o idealizado e o real, entre o que se pensa poder ser feito e o que se pensa não haver soluções efetivas, são as contradições de um período histórico que não diz respeito somente à cidade do Rio de Janeiro, mas encontra-se em vários locais no Brasil e no mundo, um momento único na história das civilizações humanas onde os fenômenos do pensamento, da urbanização e da tecnologia parecer impor uma nova e irreversível maneira e ritmo de se viver. O homem Machado de Assis pertence a esse tempo e o vive, o artista Machado de Assis o descreve em obras, realisticamente, fantásticas.

CENA 04

A FILOSOFIA DE VIDA E AS FILOSOFIAS NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Há mais coisas entre o céu e a terra do imagina a vã filosofia.

Hamlet, W. Shakespeare

¹⁸Ao louco, em Machado de Assis, resta somente a morte para lhe vencer a verdade; regada com "rabugices de pessimismo", é claro. "Se se procurasse a idéia principal, em torno da qual o pessimismo agrupa suas fatais deduções, dir-se-ia que é a idéia de morte." ROMERO, Sílvia. Machado de Assis. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936, p. 110.

¹⁹Turuna, além de sujeito forte e valente, era uma gíria carioca muito usada no final do século XIX e início do XX, e significava um sujeito poderoso e esperto, o estereótipo do malandro carioca.

Devemos falar de uma filosofia machadiana ou de uma filosofia na obra de Machado de Assis? Como se dá a construção filosófica em sua obra?

Em relação à sua filosofia de vida e a relação que mantinha com as filosofias, o autor de *O alienista* optou por encarar a realidade de uma maneira descrente intermitente, contrária a qualquer mito ou verdade findada. Autodidata, estudou os Clássicos, conheceu a sátira menipéia, lia Montaigne, Pascal, Renan e Schopenhauer. É evidente que para a busca da compreensão do aspecto filosófico do escritor, as influências mais marcantes e uma clareza na transfiguração de teorias e pensamentos, faria-se necessário a investigação minuciosa da bagagem literária e filosófica que o autor carregou durante a sua vida de auto-didatismo, no entanto basta-nos por hora apenas algumas considerações.

Grande interessado em filosofia, Machado de Assis foi influenciado pelo pensamento de vários filósofos e pensadores, contudo estes quatro personagens supracitados são centrais na constituição do emaranhado filosófico que ele traz às suas construções artísticas, sendo contos, romances, poemas, crônicas ou outros, principalmente depois de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, quando o autor se desprende de princípios românticos.

Machado de Assis, pensador convicto do ser do homem, demonstra traços claros em sua obra de influências schopenhauerianas. Certamente, não podemos dizer que Machado foi um transmissor da filosofia deste, mas percebemos a presença, mesmo que muitas das vezes carnavalizada, dos quatro conceitos-chaves daquela *Metafísica*²⁰, contentando talvez ao autor dentre *coisa em si*, *vontade*, *natureza* e *vida*, natureza e vida²¹; pois, o que interessava a ele era o mistério da vida e da morte, uma atitude diante do mundo que o cercava, uma crença, portanto, diferenciada da metafísica da vontade o autor de *O mundo como vontade e representação*.

²⁰SCHOPENHAUER, Artur. El mundo como voluntad y representación. In: **Obras**. Buenos Aires: El Ateneo, 1950. e BARBOSA, Jair. **Schopenhauer : a decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Moderna, 1997.

²¹Cf. NUNES, Benedito. Machado de Assis e a filosofia. In: **No tempo do niilismo e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1994.

Para Benedito Nunes, Historiador da Filosofia e da Estética e um importante crítico literário brasileiro, Machado de Assis estabelece uma relação de zombaria com as filosofias, percebida exemplarmente em três fragmentos de suas obras: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em específico o capítulo *O delírio* e a parte (esta é unânime entre os críticos) que expressa a criação de uma filosofia nova chamada de Humanitismo, desenvolvida dez anos depois (1891) em outra obra chamada *Quincas Borba*, e o capítulo *A ópera*, em *Dom Casmurro*. Benedito acredita ser todo cético inquieto, um humorista em potencial; e Machado de Assis inquietamente parodia com sua *inutilis inquisitio philosophiae*.

Indo de acordo com Nunes, percebe-se uma forte afinidade espiritual ligando Pascal²² e Machado numa sensação de procura peculiar aos que filosofam, procura metafísica que em Machado perde o caráter da divindade, assim sendo, por excelência a aproximação se dá por contraste e/ou parodismo. Suas atitudes perante a vida foram dadas de maneira bastante particular, amaram a vida às suas maneiras. A descrença de Machado é produto de uma busca da fé, sem, contudo, alcançá-la de uma maneira religiosa como era o caso de Pascal. A presença de Renan na obra de Machado de Assis, parece ser, também, de relevante percepção, sendo que o chamado 'ceticismo otimista' lhe é dado como uma grande descoberta, principalmente no que se refere ao cristianismo e seu questionamento como a verdade absoluta. A relação de Machado de Assis com a obra de Renan foi muito pouco pesquisada e carece de maiores entendimentos, mas ao que tudo indica, esta relação foi frutífera de acordo com as biografias.

Concluindo estas rápidas considerações, seguramente o que afirmamos é que o que sabemos é que de uma maneira subversiva, Machado de Assis transformou as filosofias, criando e recriando-as para zombar delas próprias.

Dada com clareza a importância da temática: loucura, sua institucionalização e desinstitucionalização; a importância da linguagem literária para o campo historiográfico e os pressupostos teóricos e filosóficos vigentes no século – estamos prontos para nos voltar nossos olhares para o conto

²²PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.

literário escolhido e seu autor. Para o desfrute de análise da construção da malha de micro-poderes na implementação de medidas de ajustes, disciplinarização e controle da sociedade oitocentista do Rio de Janeiro: *O alienista*²³, de Joaquim Maria Machado de Assis.

²³ ASSIS, Machado de. **O Alienista**. 22ed. São Paulo: Ática, 1992.

TERCEIRO INTERVALO LÚDICO

SUAVE MARI MAGNO

de Machado de Assis

**Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.**

**Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.**

**Nenhum, nenhum curioso
Passava sem se deter,
Silencioso,**

**Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.**

3º. ATO

O CONTO



Ilustração de Cândido Portinari para "O Alienista", de Machado de Assis. Águas-fortes. Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, 1948.

Quando alguém insiste num absurdo, ele é chamado de louco. Agora, quando um louco convence muita gente, passa a ser chamado de líder. E, quem insister que as idéias do líder são loucas, quase sempre é chamado de louco.

(Fala do narrador em *O alienista*, minissérie televisiva produzida pela TV Globo, baseada na obra homônima de Machado de Assis.)

O ALIENISTA HISTÓRIA EM RIMAS¹



Caricatura de Machado de Assis aos sessenta anos de idade

Joaquim Maria Machado de Assis,
o maior literato deste país!²
Contista, poeta, filósofo-romanceiro,
conhecido em Paris³ e respeitado no mundo
inteiro!

¹Como vimos anteriormente na página 14 deste trabalho, de acordo com Sevcenko, assim como Aristóteles nos fala em sua *Poética*, a forma narrativa não determina seu conteúdo. “Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro, as que poderiam suceder”. ¹ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1.985, 2^o.ed. Apud *Poética* de Aristóteles, p. 451

²Machado de Assis, considerado por muitos o maior escritor brasileiro de todos os tempos, possuidor de uma fineza narrativa única e insuperável no trato com os assuntos de seu tempo, em 1882 lançou o livro de contos *Papéis Avulsos* e entrou em sua fase madura, assim considerada pelos críticos literários. Dentre tantos contos, o *O Alienista* tornou-se o mais impactante, expressivo e moderno, tratando criticamente de um assunto que, abertamente, somente ganharia polêmica mais de oitenta anos depois com o lançamento do livro *A história da loucura na Idade Clássica*, do filósofo-historiador Michel Foucault. O conto de Machado de Assis ocupa lugar de destaque na literatura brasileira, não somente pela repercussão obtida desde seu lançamento, ou pelos estudos que já suscitou, mas por tratar-se de uma ótima fonte histórica e uma obra narrativa que retrata a construção da loucura no imaginário popular no transpor do século XIX para o XX dialogando com representações acerca da realidade brasileira; além de, ao estilo machadiano, configurar-se numa grande análise da alma humana regada com sutil ironia. O claro entendimento da obra citada possibilita uma maior instrumentalização das formas e conteúdos existentes no alienismo (entenda-se conjunto de práticas médicas) no que se refere a interesses políticos, ideológicos e tudo mais, sendo esta de valor para a compreensão da institucionalização da loucura não só no Rio de Janeiro como em todo Brasil.

³Atenção para o prestígio e nobreza, caros colegas!

Bruxo do Cosme Velho⁴
fez-se o seu apelido.
Visionário, vanguardista,
um profeta introvertido⁵

Machado de Assis era incrível:
mulato, pobre e epiléptico,⁶
estudava e evoluía.
Isto sempre foi seu mérito!

Se freqüentou escolas,
não se pode afirmar.
No entanto, aos 15 já escrevia
em latim e, o Francês sabia falar⁷

⁴Machado de Assis morou na idade adulta até a sua morte em uma casa velha na rua do Cosme Velho, por isso “do Cosme Velho”. A denominação de “Bruxo” fica a critério da imaginação.

⁵Ainda no final do século XIX, o escritor Machado de Assis, em *O alienista*, apontou esta tendência perseverante de se achar o limite entre a razão e a loucura social e cultural além dos projetos institucionais (sem, no entanto, negar a existência real de perturbações mentais e dos casos patológico-orgânicos). Machado de Assis previu que o processo social de homogeneização cultural se agudizaria em âmbito nacional e que, de maneira realista o futuro seria estreito, num movimento em que, ao estilo de Bacamarte (o médico-alienista do conto), quando o indivíduo se faz diferente, se percebe louco, e, então, morre.

⁶Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento. Bisneto de escravos, neto de escravos libertos e filho de agregados dos donos da chácara na qual vivia. Sua infância se passou em um clima de submissão aos donos das terras. “Os anos de 1840-1850 assistiram ao apogeu do sistema patriarcal; para alguns foram os seus últimos clarões. (...) o sistema era equilibrado e compensado por um certo tipo de vida afetiva, muito brasileiro, de respeito e submissão.” p.12-14

A epilepsia era considerada uma patologia mental apesar de ser muito pouco conhecida as suas causas e seus mecanismos. Não podemos afirmar o quanto a epilepsia afetou a produção de Machado, contudo é certo que, inevitavelmente, tornou-se um fator fundante de angústias e outras emoções que influenciaram na construção interna do homem. FACIOLI, Valetin. Várias histórias para um homem célebre. In: BOSI, Alfredo et alli. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982, p. 09-59.

⁷Nas biografias consta que provavelmente um padre, amigo da família, ensinou Machado o latim e o francês.

Escreveu para vários jornais
com seu jeito refinado.
De maneira intelectual
em artigos bem salgados⁸

Deixou de ser partidário
mas nunca de ser político
Virou, do governo, funcionário
E soube seguir o ritmo⁹

Aprendeu com maestria
dialogar com o poder.
Escrevia de forma cética
àqueles que sabiam ler

Por ser verdade, eu digo,
não te minto, nem te iludas:
Escreveu *O alienista*¹⁰,

*Memórias Póstumas de Brás Cubas*¹¹

⁸“A crônica: texto de maior proximidade com a vida cotidiana e por isso capaz de expressar mais imediatamente o movimento social, aquelas leis que se vão conformando na medida em que as transformações se processam. A crônica, como gênero literário – continuamente destruído por machado – imediatamente público, circulando pelos jornais diários e cujo consumo é também imediato, foi capaz de expressar primeiro e mais diretamente a percepção que o escritor tinha das correntes subterrâneas que as contradições da sociedade engendravam.” FACIOLI, Valentim. Op. Cit. p. 39.

⁹“Machado assumiu a glória e o prestígio também como vingança, talvez uma espécie de vingança complementar àquela implícita no texto. Deixou-se cooptar e “embranquecer” na exterioridade de sua relação com o poder e as instituições, mas manteve a produção textual corrosiva e satírica. Ao mesmo tempo que a ideologia propunha-lhe a condição de medalhão e homem célebre, ele escrevia a “teoria do medalhão” e a do “homem célebre”, descarnando as relações e as funções ideológicas dessa condição. Analisava, devolvia e satitizava o jogo que lhe era proposto e imposto.” FACIOLI, Valentim. Op. Cit. p. 42.

¹⁰ASSIS, Machado de. **O Alienista**. 22ªed. São Paulo: Ática, 1992. Inicialmente publicado em um livro de contos, em 1882, chamado Papéis Avulsos, que trazia doze contos do autor.

¹¹_____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª ed., 1977. Publicado pela primeira vez em 1881. É apontado pela crítica como o primeiro romance brasileiro verdadeiramente Realista, portanto abre a fase Realista do autor e do Brasil.

Naquela época dos reis Pedro,
reinava o Pedro número dois.

A propósito, *O alienista*
é de 1882.¹²

Veio em *Papéis Avulsos*¹³
junto com mais onze contos.
Saibam que eu não abuso
cada conto, soma pontos.

Falando d' *O alienista*,
pois, “ _ Pois, deste eu falo mais!”
Impressiona a psiquiatria
Lá no Rio e nas Gerais¹⁴

Eu vou contar pra vocês
pois, de Itaguaí, eu li as crônicas.
Se prepare, então, amigo,
é uma historia trágico-cômica¹⁵

¹²É publicado em 1882, o conto 'O Alienista', trazendo em meio a paródias, hipérboles, metáforas e carnavalizações (Cf. RIEDEL, Dirce Côrtes. **Metáfora: o espelho de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Franscisco Alves, 1.974, p.01- 27.) uma trama encabeçada pelo Dr. Simão Bacamarte, personagem, homem da ciência, "filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas" que, tendo ficado na pequena Itaguaí no interior do Estado do Rio de Janeiro depois de recusar o convite de el-rei para que ficasse em Coimbra, regendo a universidade e expedindo os negócios da monarquia, " _ A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo". aplica suas teorias de investigação psicopatológica nos pacientes que encontram-se na Casa Verde (o hospício instituído), no entanto, é ele e somente ele quem tem conhecimento científico para diagnosticar e apontar o limite entre a razão e a loucura e o poder de fazer internar, o que nos traz a reflexão sobre os poderes e saberes da ciência.

¹³ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Disponível em: **Biblioteca Virtual** <http://www.bibliotecavirtual.org.br> Acessado em: 18/06/2004.

¹⁴No Sanatório Espírita de Uberlândia (Uberlândia-Minas Gerais), instituição manicomial cuja existência vai de 1932 a 1990, o discurso oficial (aquele que é difundido pela ideologia da ordem e do progresso que atende aos interesses de um substrato da sociedade, privilegiado social e economicamente, e que nega a diversidade de vivências que não condizem àquela institucionalizada.) era o norte ideológico, em uma cidade que pleiteava um lugar privilegiado no cenário econômico nacional, disciplinarizando, controlando e vigiando. Cf. OLIVEIRA, Fabrício Inácio de. *Almas enclausuradas: práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970)*. RELATÓRIO FINAL À FAPEMIG, SHA 617/01, out., 2003.

¹⁵A narrativa do conto é construída sobre uma veracidade ficcional de documentos oficiais, relatos e crônicas da pequena cidade de Itaguaí e faz morada temporal num momento qualquer

É a história de um médico
que pra Itaguaí se mudou¹⁶
(esta cidade foi criada
na imaginação do autor?).

Dr. Simão Bacamarte
Estudara na Europa
mas, a ciência o levou
à Itaguaí tirar a prova.¹⁷

entre 1753 e 1808, sendo este recuo uma estratégia do autor para melhor construir uma confiabilidade histórica. A Casa Verde pode ser entendida como metáfora do primeiro hospício brasileiro criado por decreto em 1841, o já citado D. Pedro II, contudo no registro megalomaniaco do conto se aproximará mais com o famoso manicômio francês Salpêtrière, sendo Bacamarte o Pinel à brasileira. Cf. PATTO, Maria Helena Souza. Teorema e cataplasmas no Brasil monárquico - o caso da medicina social. In: **Novos Estudos CEBRAP**, N° 44, março de 1996, p. 179-198.

¹⁶Primeiramente, temos a apresentação do personagem principal que perpassará e será causador de toda a trama, Dr. Simão Bacamarte, médico-psiquiatra que chegado da Europa à Itaguaí, instaura uma rede de poderes legitimados pela construção do hospício da cidade, a Casa Verde. Mesmo 02 (dois) anos antes que a psiquiatria aparecesse no currículo da Faculdade de Medicina -1884, e 04(quatro) anos antes do primeiro psiquiatra assumir a direção do Hospício D. Pedro II -1886. Machado de Assis que era gago, epilético e sem filhos, já tinha motivos pessoais suficientes que construía uma visão descrente da eficiência do discurso médico. Cf. PATTO, Maria Helena Souza. Op. Cit.

¹⁷No artigo da professora em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Dr. Sandra Jatahy Pesavento (PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos de Clio ou a literatura sob o olhar da história a partir do conto O alienista, de Machado de Assis. In: **Revista Brasileira de História**, V16, N. 31 e 32, 1996, p. 108-118.) que trata da obra machadiana *O alienista*, encontramos a idéia de se fazer uma leitura benjaminiana (BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1986.) do texto, trabalhando com um duplo processo alegórico referente ao tempo e espaço vividos por seu escritor. Buscando a leitura não-litera do texto e as significações criadas pela linguagem metafórica, poder-se-ia resgatar as sensibilidades perdidas no/do passado.

Sendo a narrativa de *O alienista* criada em um tempo diferente do autor, Pesavento indica a primeira alegoria; citando e situando-se no corpo do texto demonstra ser o tempo da narrativa algo entre o final do século XVIII, um século antes do tempo do autor. O tempo da narrativa seria aquele das Luzes, do primado da razão e do cientificismo, sendo que o de Machado, quem sabe, o desdobramento do anterior com sua potencialidade aumentada. Todavia, no meu entendimento, este tempo criado pelo autor na narrativa é mais um recurso político de não afrontamento da elite letrada de sua época - e portanto de subversão da informação que vem recheada de ironia - do que uma alegoria de seu tempo, no entanto é evidente que Machado de Assis tinha em mente o cientificismo, o evolucionismo e o determinismo de seu tempo.

Por caminhos metafóricos, cruzados com outros sinais históricos, o historiador consegue apreender algo do imaginário coletivo de uma dada época. Apesar da linguagem cifrada, "máscaras do social", consegue-se vislumbrar aspectos do passado na construção de uma 'verdade' histórica.

Interessante notar que fora o pequeno artigo da professora do Rio Grande do Sul, Sandra J. Pesavento, nenhum outro trabalho sobre o conto *O Alienista* foi encontrado em todo o Brasil, por historiadores. O que traz à tona a pergunta: em tempo de intenso e acalorado debate sobre a loucura e suas formas de trato e institucionalização, tempo em que o conto *O Alienista* é

Acreditava que a loucura
tinha uma medida certa,
que, cientificamente, iria
dar à razão uma parcela¹⁸

Mesmo que a loucura
na cidade era de poucos,
o Doutor Simão decidiu
construir um asilo de loucos.

Palestrou aos vereadores
que a loucura era um fato.
E os ilustres aprovaram
a construção no mesmo ato.¹⁹

Na matéria do imposto
não foi fácil encontrar
algo que em Itaguaí
ainda pudesse tributar

Ah!... depois de muito se pensar...

adaptado para televisão e ganha novas montagens teatrais em temporada que percorre o Brasil todo, tempo em que o conto de mais de 120 (cento e vinte) anos alcança sua vigésima segunda edição e se faz atual e instigante, porque a obra ainda não ganhou a sua devida importância da disciplina História?

¹⁸“Resistindo às seduções da glória, o doutor Bacamarte define o caráter do cientista: o amor à ciência, o compromisso com a verdade, com a civilização e com o progresso – expressões de generosidade sempre presentes no discurso médico do século XIX.” Cf. MURICY, Kátia. **A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo**. São Paulo; Cia. Das Letras, 1988, p. 36.

¹⁹No processo de normalização social, higienização urbana e ordenamento médico ocorrido neste período, o poder político é em parte atribuído à figura do médico; e esse assume inclusive a construção do discurso arquitetônico e urbano das cidades. Para Kátia Muricy, o texto de Machado de Assis alcança sua máxima dimensão crítica na medida em que, posicionando-se cético em relação aos seus valores, testemunha este processo e suas idiossincrasias. MURICY, Kátia. Op.Cit. p.36.

Para os mortos que quisessem
os cavalos emplumar,
eram dois tostões a hora
até a cerimônia acabar.

Uma vez já com a licença
começou a construção.
Era bem na Rua Nova,
a mais bela daquele chão.²⁰

Chamaria Casa Verde²¹
pelas cores da janela
E os insanos já poderiam
se curar lá dentro dela.

Bem no centro tinha um pátio,
em volta numerosos cubículos
Cinqüenta janelas por lado,
um Panóptico²² com estilo.

²⁰Assim como o Hospício Dom Pedro II que foi construído dentro dos arredores do centro da cidade do Rio de Janeiro, mesmo tendo por instruções dos médicos higienistas a recomendação de que tal instituição deveria ser construída fora da cidade para evitar que as brisas levassem os males aos sãos e para que os loucos desfrutassem de ar fresco, o asilo de Doutor Simão Bacamarte, a Casa Verde, foi construído na principal rua da vila de Itaguaí, a Rua Nova (nome que reflete a idéia de modernidade).

²¹Verde é a cor das vestes que eram utilizadas pelos seguidores durante os cultos positivistas, no Templo Positivista. Disso tira-se mais um indício da construção parodística e subjetiva de Machado de Assis. Cf. (PATTO, Maria Helena Souza. Teorema e cataplasmas no Brasil monárquico - o caso da medicina social. In: **Novos Estudos** CEBRAP, N ° 44, março de 1996, p.196)

²²"No estilo panóptico – ver tudo, saber tudo, cuidar de tudo – segundo o relatório da Comissão Inspetora, de 1874, os edifícios da prisão convergem a um centro comum, de onde se observam perfeitamente todos os corredores das celas, cujas portas colocadas de um e outro lado dão fácil acesso aos guardas. O observatório e os corredores são abertos desde o solo até o teto, de modo que sempre conservam o ar e a luz necessários, e facilitam a ventilação e inspeção do interior." Cf. o Relatório da Comissão Inspetora da Casa de Correção da Corte. Rio de Janeiro. 1874, p. 05. Apud MACHADO, Roberto et alii. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 322. O modelo de Panóptico foi criado por Bentham em seu livro homônimo.

O doutor, grande arabista,
encontrou no Alcorão
que “Alá tira o juízo
pra evitar a pecação.”

Fez gravar em frente ao prédio
no frontispício. Com cuidado
e por medo ao Padre Lopes
atribui o dito a Benedito VIII²³

Bacamarte²⁴ não demora,
começa logo a mirar.
Engatinha, soca a pólvora²⁵
para o alvo acertar.

Aquele que na Casa Verde entrava
vivia sob observação.
Bacamarte lhe classificava:
“ _ Este é manso, aquele, não!”

²³Nesta passagem do conto percebe-se como o alienista ao mesmo tempo em que demonstra separação entre o saber-político (exercido fortemente pela Igreja) e o saber-psiquiátrico, ele os une conforme suas conveniências. A medicina social no período do final do século XIX, efetivamente, buscava confluir os vários poderes servindo-lhes de regência no intuito de ratificar um saber psiquiátrico nascente. Outra exemplar passagem está no capítulo intitulado *Dous lindos casos*, em que o barbeiro Porfírio, depois de ter incitado e comandado uma rebelião vencedora contra os abusos de poder de Simão Bacamarte, destituído a Câmara de vereadores e tornado-se o governante da vila a mando de Sua Majestade, propõe ao médico-psiquiatra um conchavo de poderes, objetivando se favorecer dos prestígios da ciência.

²⁴Perceba a força e o poder coercitivos expressados nesse nome profundamente carnavalizado (significado 01 abaixo) e, também, o descrédito bufão e desmerecedor (significado 03). Vale a pena a observação desta Análise Semântica: BACAMARTE [Do fr. braquemart.] S. m. 1. Arma de fogo de cano curto e largo, reforçada na coronha. 2. Turfe Cavalo que habitualmente chega entre os últimos colocados; punção. 3. Bras. Indivíduo inútil, imprestável, pesadão. 4. Bras. RJ. Gíria. Coisa velha; traste.” Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI, versão 3.0, Editora Nova Fronteira e Lexikan Informática, novembro de 1999.

²⁵Para Maria Helena Souza Patto, a Casa Verde tanto faz menção ao Hospício D. Pedro II que foi criado por decreto em 1841, como ao famoso hospício francês, Salpêtrière, que foi dirigido por Pinel. Segundo Patto, há indícios ainda mais fortes das intenções de Machado de Assis em carnavalizar e ridicularizar as versões tropicais de instituições e idéias européias no Império brasileiro que se encontram na formação do nome do alienista. “*La Salpêtrière* foi, até 1634, uma grande fábrica de pólvora (*salpêtre* é salitre, mas também significa pólvora), fato citado no próprio nome que batiza o nosso alienista”. (PATTO, Maria Helena Souza. Teorema e cataplasmas no Brasil monárquico - o caso da medicina social. In: **Novos Estudos** CEBRAP, N° 44, março de 1996, p. 195-196.)

Histéricos, furiosos,
os deserdados de espírito,
Monomaníacos, com certeza!
Por Pinel²⁶, já estava escrito.

Houve muitos que estranharam
a atitude do Doutor.
Colocar os loucos juntos
parecia um horror.

“Todos juntos nesta casa
eu posso²⁷ olhar melhor.
A ciência é uma constância
meu trabalho sei de cor”.²⁸

²⁶“A inclusão dos monomaníacos nessa classificação dos habitantes da Casa Verde é outra indicação do caráter contemporâneo de *O alienista*. O conceito de monomania, de Esquirol revolucionara a compreensão de doença mental.” ESQUIROL, J. E. D. De la manie. In: *Des maladies mentales*, tomo II, p. 134. Apud. MACHADO, Roberto et alii. Op. Cit. p. 386. “Entendida até então como desordem da razão, a loucura era estritamente pensada como perda ou desarranjo das faculdades intelectuais. Considerando o fenômeno do delírio, Esquirol irá constatar a sua presença por vezes apenas parcial, referida a um único objeto. Essa constatação o conduzirá ao estudo das paixões, dos afetos, e a compreensão de que a alienação mental caracteriza-se mais por uma desordem do afeto que da inteligência. A loucura é um fenômeno moral e não intelectual.” MURICY, Kátia. Op. Cit. 41.

²⁷Segundo Gomes (GOMES, Roberto. *O alienista: loucura, poder e ciência*. In: **Tempo Social – Rev. Sociol.**, São Paulo: USP, 5(1-2), 1993, p.p.145-160.), o texto não trata da loucura, pois não há preocupação alguma sobre a conceituação do que viria a ser a loucura. Machado de Assis não teria pretendido colocar nada no lugar das propostas lunáticas de Bacamarte, ao contrário disso, ele teria pretendido minar as bases do projeto psiquiátrico que se constitui um empreendimento normatizador, por isso, em vez de apontar a loucura definida limitou-se a narrar um grande desastre que certamente já tinha para si como bem provável de acontecer num futuro próximo. Fala-se, em parábola, de um homem da ciência e o poder de seu discurso na criação científica da loucura, como percebemos a partir da chegada do médico na pequena cidade de Itaguaí uma “torrente de loucos” de todos os tipos (não existia nesta, pessoas loucas), cessando a atividade produtiva da loucura logo que o alienista modifica suas teorias admitindo não haver loucos em Itaguaí, ou havia um só. Só há loucura naquele que a produz. Dentro da máxima ironia da imagem positivista está Bacamarte na busca incessante da verdade numa investigação constante - *Plus ultra!* - e tentando uma auto-observação com objetividade científica, trancafia o mundo fora da Casa Verde, não sem antes se jogar lá dentro.

²⁸“À luz tropical, o progresso – a ciência e a filosofia européia – sofre metamorfose; no espelho brasileiro a razão moderna projeta uma nova face. Assim, as teses médicas brasileiras sobre a alienação mental do século XIX, que copiavam servilmente os autores franceses – Pinel e Esquirol. Como estes, defendiam a observação como procedimento científico por excelência, mas não dispunham de qualquer prática asilar. Trabalhando as teorias francesas sem rigor e simploriamente, não cuidavam de suas distinções, confundindo-lhes as questões e os conflitos

Se eu ainda não te disse,
agora eu digo pra você,
este tal de Doutor Simão
era cientista pra valer.

Tudo que ele fazia
era frio e calculado,
fosse pra mudar de idéia?
Ele fazia um postulado!

Até pra escolher esposa
calculou como cientista:
“ _ Dorme bem, digere bem?,
caso com Dona Evarista!!”²⁹

Evarista era feia,
viuvinha e educada,
a Simão não deu os filhos
que ele tanto esperava³⁰

Eles até que persistiram,
ele e ela num só esforço.
Ele até lhe receitara,
de Itaguaí, a carne de porco.

teóricos.” MACHADO, Roberto et alli. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 383.

²⁹É análise de Roberto Gomes (GOMES, Roberto. Op. Cit.) a disciplinarização do corpo, da alma e das emoções de Simão Bacamarte. À ele, Simão, “De todos os continentes, é o corpo que deve ser conquistado em primeiro lugar, pois ele é o objetivo, o lugar e o instrumento de luta” e sofre apenas as paixões próprias de um sábio. Um corpo submisso ao discurso científico é a construção que Machado faz de Simão Bacamarte, um homem só da ciência. Assim, levado por pressupostos técnicos e na busca de um casamento higiênico faz a escolha da esposa, D. Evarista, que digeriria bem os alimentos e dormia regularmente, sendo capaz de gerar filhos robustos, o que não se faz acontecer mesmo com vários estudos e práticas de Bacamarte, constituindo-se um capítulo da desgraça pessoal do médico.

³⁰Ironicamente, todos os cuidados na escolha de sua esposa foram em vão; Evarista não engravida e “à sua resistência, - explicável, mas inqualificável, - devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.” Inferi-se que a ciência é falha e, por vezes, traiçoeira.

Quando a idéia sucumbiu,
dos Bacamartes prolear,³¹
o doutor, convicto, riu:
“ _ Só a ciência é o meu lar!”³²

Vejam só a equivalência,
grande homem de ciência.
Doutor Simão Bacamarte
é ciência, ciência, ciência!³³

³¹Em verdade, o verbo 'prolear' não existe na forma culta da gramática brasileira. Este neologismo é parte integrante de minha licença poética na construção da rima. Origina-se da palavra 'prole': [Do lat. prole.] S. f. 1. Descendência. 2. Filho ou filhos.

³²O conto, que por sua extensão e gama de personagens aproxima-se de uma novela, é narrado sob o ponto de vista empírico baseado em Atas da Câmara Municipal de Itaguaí e de outros documentos de época; uma ferramenta idílica de construção do texto muito bem utilizada pelo autor e que nos faz refletir epistemologicamente sobre o que é ficção e o que é real num processo histórico. Parodiando o cientificismo com um ceticismo irônico peculiar, a narrativa segue; Doutor Bacamarte prossegue internando os cidadãos itaguaienses dando continuidade aos seus estudos de entendimento e cura da insanidade através da razão cognitiva até quando, percebendo que 4/5 (quatro quintos) da população encontravam-se nas acomodações, inclusive o padre local e a própria esposa, resolveu reavaliar seus métodos e estudos. Analisou da seguinte maneira, se a loucura é um continente e não uma pequena ilha, como havia sido pensado à priori, se a maioria das pessoas possuem desvios de comportamento, assim como o perfeito desequilíbrio das faculdades mentais, o padrão social que se impõe é a própria loucura. Esta é a mais perfeita demonstração de normalidade: o desequilíbrio,... a loucura.

Pois bem, ele, depois de ter 'curado', desequilibrado e enlouquecido, libertou todos os pacientes da Casa Verde potencializando as vaidades e defeitos de caráter mais marcantes de cada um, internou a si próprio na certeza de ser possuidor de um perfeito equilíbrio mental e moral, pois "pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto". E na tentativa insana de enlouquecer, morreu, dezessete meses mais tarde, solitário dentro do hospício.

³³Mas, não se trata simplesmente de chacotear a figura do psiquiatra louco, nem é uma característica machadiana a construção individual de personagens. Diferente disso, o alienista é protagonista de uma tragédia coletiva, social que fora pintada pela grande loucura cientificista e positivista, que implica na busca dos limites entre a razão e desrazão. E quando a ciência faz a decretação de sua própria insanidade que percebe-se uma torrente de vítimas as quais são arrastadas pela fé cega na verdade científica e que o enlouquecido Dr. Simão Bacamarte é apenas mais um que não se escolhe louco, mas é vitimado pelas próprias crenças. O que permanece claro, na mensagem que o texto nos traz, é a tendência ao fracasso destes saberes que pretendem apreender de fora objetiva e rigorosa o conhecimento total do mundo e da mente humana.

Assim, o que temos como grande debate n'O *alienista* não se dá na base filosófica nem epistemológica da ciência, certamente fala-se da ciência, mas no tocante ao poder da ciência, esta é chave da interpretação. Machado está preocupado em colocar em questão os saberes normalizadores que surgiam cada vez mais fortes em sua época, tornando-se poderes perigosos. Isto explicaria porque o texto não possui reivindicações nem faz propostas ou defesas; nenhum poder é inocente, então não há motivos para se comemorar ou sermos

A loucura, que era ilha
rodeada de razão,
transformou-se em continente
e já não cabia na prisão.

Na cidade, pasmem todos,
encontrou-se muitos loucos.
O asilo ficou lotado
e ampliou-se a construção pro lado.

O alienista, alienando,
procurava com determinação
os limites da loucura.
Você é louco? É, ou não?³⁴

otimistas em relação à razão e a ciência, pois são esses geradores de poderes imensos e incontroláveis.

Mas para Maria Helena Patto, o forte desta narrativa machadiana é as referências irônicas à situação política e social que o Brasil apresenta. Situações como a condição difícil do agregado na figura de Crispim Soares, a estrutura patriarcal demonstrada principalmente quando da comitiva da esposa de Simão, D. Evarista, ao Rio de Janeiro e o ecletismo desmedido que é bem indicado no amontoado de referências do alienista em seus estudos e na fala de secundários e o abuso do poder pessoal bacamartiano como que parafraseando D. Pedro II, “a sciencia sou eu”, fazem um retrato realista do Brasil monárquico. Indica-se paródias como medidores do ambiente criador de Machado, como o “Dia do Volto” em alusão ao Dia do Fico, quando Simão resolve voltar da metrópole para a colônia, a aderência do líder da Revolta dos Canjicas ao lado inimigo logo após a vitória em alusão à identidade entre os liberais e os conservadores e, também, a escolha da cor das janelas do hospício que lhe daria o nome por fim, Casa Verde, sendo esta cor usada nas vestes rituais no Templo Positivista brasileiro. Estas paródias são parte de uma estrutura social debochada que convivia com a escravidão, o clientelismo e poderes arbitrários.

Infeliz somente na colocação da grande ausência do tema da escravidão, a autora negou-se o entendimento que a intenção do conto não é trabalhar especificamente esta temática e que nenhum aspecto social conjuntural deixa de ser percebido nos conflitos expostos pelo autor, lembrando que o texto é uma obra literária e não um panfleto, um manifesto ou uma clara declaração pessoal do autor sobre suas preocupações.

³⁴Roberto Gomes enxerga, pelos olhos de Simão Bacamarte, um mundo dividido entre o presente e o futuro, a besta e o gênio, o sábio e o vulgo, a razão e o sentimento, que reflete na verdade a construção de um discurso rígido cujo espaço é também muito bem delimitado: o continente da loucura. O corpo do texto de Machado serve um prato cheio de uma ironia implacável, revestida com ceticismo agudo sobre os ideais republicanos e positivistas. A face política do texto é a representação do jogo de forças que se chocam em torno da normalização urbana na cidade do Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX. Cf. GOMES, Roberto. Op. Cit.

Por “ vaidade excessiva”³⁵
ele internou Dona Evarista
“ _Esses sintomas... Conheço o caso,
para curar é curto o prazo!”

Percebendo os seus internos,
quatro quintos da população,
incutiu-lhe a idéia
de inverter a remoção.

Para os verdadeiros cientistas,
a investigação não pode parar.
A mais nova teoria:
“ _Quem prendi, eu vou soltar!”

“Solto todos que prendi,
pois são desequilibrados e isto é normal!
Interno os equilibrados das faculdades,
Pois aí que está o mal!”

³⁵ A alegoria do espaço social se dá de forma mais acentuada quando da Revolta dos Canjicas, demonstrando aburguesamento cego da época através da cena em que D. Evarista sendo avisada repetidamente da rebelião que pretendia massacrar com o império de seu marido, não consegue dar ouvidos à notícia pois está entretida com a costura de um dos seus vestidos. “Tudo está dito: a alienação das camadas privilegiadas, o isolamento da elite frente a realidade, a preocupação com as mesquinharias cotidianas de um mundo fechado! E quando da internação da maioria dos habitantes da fictícia Itaguaí, a autora comenta, (...) Na metafórica transposição de sentido realizada pelo autor, todos os tipos sociais e comportamentais presentes no “espaço real” - a sociedade carioca - apresentados na “cidade irreal” de Itaguaí foram enquadrados como insanos. Frente a metáfora visível da imagem urbana, ocultam-se os significados implícitos da crítica social, arrasadora na sua mordacidade e na revelação das fraquezas humanas e das representações criadas por um mundo aburguesado de herança colonial e escravista, tal como o que fora criado no país.” PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op.Cit. p.114 “De modo semelhante, em ‘O alienista’ tudo se passa como se de sob o vestido suntuosos de seda francesa de um baronesa brasileira aparecesse, desconcertante, uma ponta de anágua de algodão cru.” PATTO, Maria Helena Souza. Op Cit. p. 198.

Os libertos agradeceram
e beijaram a sua mão.
Bacamarte era a figura
do famoso Napoleão³⁶

Com os novos loucos
Bacamarte, só regozijo foi ter.
Pra curar-lhes a insânia
bastava uma falha de caráter.

Mais que isso foi *Plus ultra*!
Teoria?? Sim, veio outra.
Preste atenção, caro leitor,
aquilo foi assustador!

Não bastou-lhe o reinado
da razão em Itaguaí
questionou se ainda havia
a última verdade por vir.

“Quem curei e foi curado
era doido ou pareceu?
Descobri qual era cura
Ou o louco que sou eu?”

³⁶ “Na Paris do início do século XIX, Esquirol tinha fichas de pacientes que pensava que eram Napoleão. Ligações nítidas iam sendo forjadas na psiquiatria emergente entre os delírios de poderes dos loucos comuns e as fantasias de reis, políticos e pregadores reais. A partir da Revolução francesa, passando por Adler e Wilhelm Reich, em sua investigação das raízes psicológicas do fascismo – a necessidade dos pequenos de imitar os grandes – a vontade de poder veio a tornar-se uma doutrina central da psiquiatria, tornada clínica na megalomania etc.” PORTER, Roy. Loucura e poder. In: **Uma história social da loucura**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2º. Ed., 1991, p. 56-57.

Angustiado pela dúvida
resolveu se internar.
Se internou na Casa Verde
pra se diagnosticar.

Não se sabe o que ocorreu
àquele Doutor-Simão-Bacarmarte.
Homem que viveu na terra
e talvez morreu em Marte!
Só se sabe que morreu
procurando uma razão
pra explicar à sua loucura.

À sua loucura,
À minha, não!

ÊXODO OU CONCLUSÃO

Podemos perceber, depois de todas estas considerações e explanações, que a Literatura constitui um elo mais que possível, diria mesmo necessário, entre a construção de um imaginário-ficcional e um real imaginário. Os diálogos com as chamadas fontes ficcionais são mais que possíveis, chegando até a romper com esta conceituação limitada; como nos coloca Pesavento, o texto histórico pode ser considerado ficção, pois ele a comporta.

Nossa idéia é de que o texto histórico comporta a ficção, desde que o tomemos na sua acepção de escolha, seleção, recorte, montagem, atividades que se articulam à capacidade da imaginação criadora de construir o passado e representá-lo. (...) " e pondera "A História, se a quisermos definir como ficção, há que ter em conta que é uma ficção controlada. A tarefa do historiador é controlada pelo arquivo, pelo documento, pelo caco e pelos traços do passado que chegam até o presente.¹

A importância das fontes literárias e em específico do conto machadiano aqui abordado, no caminhar e desenrolar das questões referentes ao entendimento das representações culturais no espaço urbano do Rio de Janeiro em um período de normalização e disciplinarização das estruturas constituintes da sociedade, é sublime visto que, constitui-se como um ótimo medidor das sensibilidades cotidianas. Além de nos trazer diversas outras formas sutis de compreender o processo histórico.

Pretendi, como explicitar anteriormente, fazer um inventário de representações sobre o conto *O alienista* que tanto admiro. As formas utilizadas por mim no cainho da pesquisa e na construção desta monografia foram o mais originais possíveis, pois acredito não fazer sentido qualquer tipo

¹PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. In: **Estudos de História**. Franca: Revista do Curso de Pós-Graduação em História, V.6, N.1, 1.999, p.p.70-1.

de reprodução irrefletida sobre informações, formas ou conteúdos. Muitas frentes de meu projeto inicial sucumbiram devido aos contratempos ocorrido neste último ano de vida acadêmica e pessoal.

Optei por trabalhar com a literatura de Machado de Assis não somente pelo prazer que a leitura deste me trazia, mas porque acreditei no grande poder que esta linguagem possui na construção de representações de situações paradigmáticas e limítrofes.

Para a literatura a verdade é uma questão vital na medida em que gera narrativas: seus episódios, peripécias, fazendo-se carne e ossos dos personagens. (...) A arte da ficção cria um texto cuja alta concentração de energias permite a eclosão de uma verdade. (...) Em outras palavras, o que chamamos de real - cujo sentido só acontece diante de nosso olhar - é, ao final das contas, aquilo sobre o que admitimos nada saber. Seria este conjunto informe, caótico, suposto por detrás do que vemos. Diante dele, a literatura - e isso tem em comum com a ciência - irá criar um mundo unitário, organizado, necessário. Ainda que seja para demonstrar o caos. (...) Assim, a literatura lida com situações-limite, ou situações-síntese - núcleos narrativos capazes de detonar a eclosão da verdade.²

Para a escolha do título, 'A ficção-científica em *O alienista*', foi necessário o desdobramento da questão sobre o ficcional na História. O raciocínio que me satisfez foi contudo, o de que a História possui também um caráter ficcional porque debruça-se sobre aspectos subjetivos de interpretação, e é científica por que determina metodologias de pesquisa, baseia-se empiricamente nos documentos e estabelece um conjunto de conceitos que fragilmente a determinam enquanto ciência.

² GOMES, Roberto. O alienista: loucura, poder e ciência. In: **Tempo Social – Rev. Sociol.**, São Paulo: USP, 5(1-2), 1993, p. 148.

A história não é científica, se por científico se entender o texto que explicita as regras da sua produção. É uma mistura, é *ficção científica* (grifo meu), em que a narrativa apenas tem a aparência do raciocínio, mas que também não é menos circunscrita por controles e possibilidade de falsificação. Assim se entendem as notas, a cronologia, todas as manhas que apelam para a credibilidade ou para as 'autoridades'. Esses expedientes permitem suprir, por uma narratividade, o que falta em rigor. Efetivamente, essa mistura liga num mesmo texto a ciência e a fábula, as duas metades simbólicas da nossa sociedade. Nessa medida, ela representa e articula a modernidade. Tem figura de mito.³

Este trabalho não tem caráter de conclusão e por isso concluí-lo me parece forçoso, por isso saio de cena como um coro grego que sai festivamente, pois sabe que cumpriu sua missão, mas promete voltar. Todavia, produzi estas páginas para que elas sofram as críticas necessárias; sei que serão muitas, e para finalizar esta etapa da graduação em História.

Agradeço pela atenção e tempo que você, leitor, dispensou na leitura desta. Espero ter sido uma leitura agradável aos olhos, a cabeça e ao coração.

³ LE GOFF, Jacques et alli. **A nova história**. Lisboa:Edições 70, p.p. 9-39.

BIBLIOGRAFIA

LOCAIS DE PESQUISA

Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia e outras bibliotecas de universidades federais do país através do sistema on-line e COMUT. Bibliotecas particulares e locadoras de vídeo.

I. DE OU SOBRE MACHADO DE ASSIS E SUA OBRA:

LIVROS, ARTIGOS E TESES

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. 22ªed. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª ed., 1977.

_____. **Ressureição** São Paulo: Ática, 4ª. Ed., 1976.

_____. **Contos**. São Paulo: Centro de Recursos Educacionais, 6ª. Ed., 1999.

_____. Papéis Avulsos. Disponível em: **Biblioteca Virtual**
<http://www.bibliotecavirtual.org.br> Acessado em: 18/06/2004.

BORGES, Waldeci Resende. Na espreita dos sucessos da rua e dos sentimentos da cidade: o Rio de Machado. In: **ArtCultura**. Uberlândia: UFU, n° 04, Vol. 04, 2002, p.p.46-54.

_____. Imagens da infância e da família carioca em Machado de Assis. In:

ArtCultura. Uberlândia: UFU, N ° 01, Vol. 01, 1999, p.p. 07-14.

BOSI, Alfredo et alli (orgs). **Machado de Assis.** São Paulo:Ática, 1982.

CANDELORO, Rosana Jardim. **Machado de Assis e Schopenhauer: uma metafísica da vontade.** Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

CASTRO, Walter de. **Metáforas machadianas - Estruturas e funções.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1978.

DANTAS, Luiz. O alienista de Machado de Assis: a loucura e a hipérbole. In: RIBEIRO, Renato Janine (org). **Recordar Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

D'ONOFRIO, Salvatore et alli. **Conto brasileiro: quatro leituras - Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Osman Lins.** Petrópolis: Vozes, 1979.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio.** Rio de Janeiro: Globo, 3^a ed., 1988.

FARACO, Carlos. Um mundo que se mostra por dentro e se esconde por fora. In: ASSIS, Machado de. **O alienista.** São Paulo: Ática, 1992, p.p. 49-78.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis - Uma interseção entre literatura e psicanálise.** Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC, 19--.

GARBUGLIO, José Carlos. Entre a loucura e a ciência.In: ASSIS, Machado de. **O alienista.** São Paulo: Ática, 1992, p.p. 03-05.

GHELLER, Erinida Gema. **Unidade e autonomia do Papéis Avulsos.** Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1978.

GOMES, Roberto. O alienista: loucura, poder e ciência. In: **Tempo Social – Rev. Sociol.,** São Paulo: USP, 5(1-2), 1993, p.p.145-160

GLEDSON, John. **Machado de Assis: ficção e história.** Rio de Janeiro: Paz e

Terra, 1986.

LUCENA FILHO, Jaime Pereira de. **Cartografias da loucura: uma micropolítica machadiana**. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro:UFRJ, 1992.

MASSAINI, Márcia Ignez. **Tema da loucura na obra de Machado de Assis**.Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 19--.

MURICY, Kátia. **O legado da desrazão: a normalização médica e o romance de Machado de Assis**.Tese de doutorado. Rio de Janeiro:UFRJ, 1985.

NUNES, Benedito. Machado de Assis e a filosofia. In: **No tempo do niilismo e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 199-.

PATTO, Maria Helena Souza. Teorema e cataplasmas no Brasil monárquico - o caso da medicina social. In: **Novos Estudos CEBRAP**,N ° 44, março de 1996, p.p. 179-198.

PERROT, Andréa Czamobay. **Do real ao ficcional: a loucura e suas representações em Machado de Assis**. Porto Alegre: UFRGS, 2001

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos de Clio ou a literatura sob o olhar da história a partir do conto O alienista, de Machado de Assis. In: **Revista Brasileira de História**, V16, N. 31 e 32, 1996, p.p. 108-118.

REALE, Miguel. **A filosofia na obra de Machado de Assis & Antologia filosófica de Machado de Assis**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1.982.

RIEDEL, Dirce Côrtes. **Metáfora: o espelho de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Franscisco Alves, 1.974, p.p.01- 27.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**.São Paulo: Duas Cidades, 1988.

TEIXEIRA, César Mota. Casa Velha: Alegoria do Brasil: Uma leitura de Machado de Assis.In: **Nacional Pré-Vestibulares**.Uberlândia: Colégio

Nacional, I-NA, 2º. Sem., 1998.

JORNAIS E REVISTAS

ARAÚJO, Ricardo. Machado de Assis e os novos meios: entre o livro e o jornal. In: **D.O.Leitura**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, A. 18, n ° 06. junho de 2000, p.p. 35-39.

FUENTES, Carlos. Machado de La Mancha: Machado de Assis, herdeiro de Cervantes. In: **Folha de S.Paulo - Mais!**, Domingo, 01 out., 2000, pp.06-11.

LIMA, Luiz Costa. Desconstruindo Machado. In: **Folha de S. Paulo - Mais!** São Paulo, Domingo, 29 jun., 2003, p.p.14-15.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. Quincas Borba e as ambigüidades francesas. In: **D.O.Leitura**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, A. 17, n ° 06, out. 1999, p.p. 27- 31.

PIZA, Daniel. Os jogos de cena de Machado de Assis. In: **Folha de S.Paulo - Mais!**, Domingo, 15 jun. 2003.

PEÇAS TEATRAIS

NANUVI, Fabrício e MITIDIERI, Daniela. **Criando um conto**. Peça de teatro. Junho de 2004, não publicada.

O ALIENISTA – UMA ADAPTAÇÃO DO CONTO DE MACHADO DE ASSIS. Direção: Carlos Delgado. Cia. Forte de Teatro. Janeiro de 2002.

ENDEREÇOS VIRTUAIS

BIBLIOGRAFIA, biografia, manuscritos, livros completos para download, teses e documentos. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br/>>. Acesso em: CONTOS, biografia, manifestações artísticas, comentários e resumos. Disponível em: <<http://www.machadonline.cjb.net/>>. Acesso em: 15/04/04.

VIDA e obra de Machado de Assis. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/machado.htm>>. Acesso em: 18/06/04.

FONTES EM VHS

O ALIENISTA. Direção de Guel Arraes. Rio de Janeiro: T.V.Globo, 199-.

II. OUTRAS REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. Lisboa: Guimarães, 1964.

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. Trad. Teixeira Coelho, São Paulo: M. Fontes, 1993.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

CERVANTES, Miguel de. **Don Quixote De La Mancha**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

ECLESIASTES. In: **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Ave Maria, 45ª. Ed., 1984.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 6ª. Ed., 1972.

ROCHA FILHO, Rubem. **Diário de um louco: o triste fim de Antônio Barnabé**. Rio de Janeiro: Ion-Ion e Seleta, 1968.

ROTHERDAN, Erasmo de. **O elogio da loucura**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 6ª. Ed., 1972.

SHAKESPEARE, Willian. Hamlet. In: **Willian Shakespeare: tragédias**. Soa Paulo: Abril Cultura, 1978.

SHAKESPEARE, Willian. Macbeth. In: **Willian Shakespeare: tragédias**. Soa Paulo: Abril Cultura, 1978.

VOLTAIRE. *Cândido ou o Otimismo*. In: MAUROIS, André. **O pensamento vivo de Voltaire**. São Paulo: Marins Fontes, 1967.

III.HISTÓRIA E/OU LITERATURA:

A) LIVROS, ARTIGOS

LIVROS E ARTIGOS

BORGES, Waldeci Resende. História e Literatura: Uma Relação de Troca e Cumplicidade. In: **História & Perspectivas**. Uberlândia: Revista do Curso de História, N.9, jul./dez.1.993, p.p.31-42.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo:

Cultrix.1994, 37^a.ed.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: PubliFolha, 2.000,8^aed.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados 11**, 1991.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org). **A História contada, capítulos de História Social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHINALI, Míriam. Freud na 'Terceira margem do rio'. In: **D.O. Leitura**. A. 20, N° 03, março de 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. In: **Estudos de História**. Franca: Revista do Curso de Pós-Graduação em História, V.6, N.1,1.999, p.p.67-85.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão - tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Ed. Brasiliense,1.985, 2^a ed.

VELLOSO, Monica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

IV. OUTROS

ANDRADE, Fernando Teixeira de. Realismo-Naturalismo In: **Literatura I**. São Paulo: Centro de Recursos Educacionais, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BARBOSA, Jair. **Schopenhauer : a decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Moderna, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas - magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, V. 01, 1985.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BUCHWEITZ, Donaldo. **50 piadas - Loucos**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2000.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CASA NOVA, Marco A. Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo. In: **Cadernos Nietzsche**. São Paulo: Graphics/GEN//USP, N. 10, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 5ªed., Vol. 1., 2000.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Cidadelas da ordem**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE LETRAS - SUDESTE, VI, Uberlândia. *Caderno de resumos*. 28 a 31 março, 2002. Uberlândia: UNICAMP, 2002.

ESPIG, Márcia Janete. Limites e possibilidades de uma nova história cultural. In: **Revista Lócus**. Juiz de Fora: UFJF, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI**, versão 3.0, Editora Nova Fronteira e Lexikan Informática, novembro de 1999.

FONSECA FILHO, *José de Souza*. **Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno**. São Paulo: Agora, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 20ªed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A história da loucura na idade clássica**. 6ªed, São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **Microfísica do poder**. 4ªed, Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. A sociedade punitiva. In: **Michel Foucault - Resumo dos cursos do Colège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. O poder psiquiátrico. In: **Michel Foucault - Resumo dos cursos do Colège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. Os anormais. In: **Michel Foucault - Resumo dos cursos do Colège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FRAYZE-PEREIRA, João A. A loucura antes da história. In: RIBEIRO, Renato Janine Ribeiro (org). **Recordar Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Record, 28ª ed., 1992.

GINZBURG, Carlo. A história e a micro-história: entrevista com Carlo Ginzburg. In: **LPH/Revista de História de Ouro Preto**. vol. 1, nº1, 1990.

_____. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mito, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HIDALGO, Luciano. **Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

KAPLAN, Harold. **Compêndio de Psiquiatria - Ciências Comportamentais e Clínica Psiquiátrica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

_____. **Medicina psiquiátrica de Emergência**. Porto Alegre: Artes Médicas,

1995.

LAING, Ronald D. **Sobre loucos e sãos**. Entrevista a Vincenzo Caretti. Trad. Marina Borges Svevo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LE GOFF, Jacques et alii. **A nova história**. Lisboa: Edições 70, 1983.

LOUZÃ NETO, Mário Rodrigues II. Mota, Telma III. Wang, Yuan - Paug, IV. Elkis Hélio. **Psiquiatria Básica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MACHADO, Maria Clara Tomaz.. Cultura Popular: Em busca de um referencial conceitual. In: **Caderno de História**. Uberlândia: UFU, Vol. 05, N. 05, dez/jan., 1994, p.p.73-83.

MACHADO, Roberto et alii. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MACHEREY, Pierre. Nas origens da História da Loucura: uma retificação e seus limites. In: RIBEIRO, Renato Janine Ribeiro (org). **Recordar Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MAIA, João Domingues. **Língua, Literatura e Redação**. São Paulo: Ática, Vol. 02, 1991.

MANGUEL, A. **No bosque do espelho**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

MATTOS, Marcelo Badaró. Pesquisa e ensino. In: **História, Pensar & Fazer**. Rio de Janeiro: Laboratório Dimensões da História, 1998, p. 91-124.

MUCHAIL, Salma Tannus. O lugar das instituições na sociedade disciplinar. In: RIBEIRO, Renato Janine Ribeiro (org). **Recordar Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

NICOLA, José de . **Língua, Literatura & Redação**. São Paulo: Scipione, Vol. 02, 4ª. Ed., 1993.

NUNES, Benedito. **No tempo do niilismo e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1993.

O'BRIEN, Patrice. A história cultural de Michel Foucault. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

OLIVEIRA, Fabrício Inácio de. O alienista, de Machado de Assis - A literatura como fonte num projeto de loucura. In: **ANais - I Simpósio de História e Cultura - Política, Estética, Alteridade**. Uberlândia: NEHAC, 17 a 21 JUN., 2002.

_____. **Almas enclausuradas: práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970)**. RELATÓRIO FINAL À FAPEMIG, SHA 617/01, out., 2003.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.

PERNIN, Marie-José. **Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Indagações sobre a História Cultural. In: **ArtCultura**. Uberlândia: UFU, V. 03, N. 03, 2001.

PORTER, Roy. **Uma história social da loucura**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2ª. Ed., 1991.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RODRIGUES, Luzia Gontijo. **Nietzsche e os gregos - Arte e "Mal-Estar" na cultura**. São Paulo: Annablume, 1998.

SCHOPENHAUER, Artur. **El mundo como voluntad y representación**. In: **Obras**. Buenos Aires: El Ateneo, 1950.

SIMPÓSIO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA. IX, 2001, Uberlândia. *Caderno de resumos*. Uberlândia: UFU, 07 a 09 novem., 2001.

SZASZ, Thomas. **O mito da doença mental**. São Paulo: Círculo do Livro S.A.,

[s.d.].

TERRASSE, Charles. **Van Gogh**. Paris: Librairie Floury, 1938.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRONCA, Italo A. (org). **Foucault vivo**. São Paulo: Pontes, 1987.

VAINFAS, Ronaldo. Da História das mentalidades à História cultural. In: **Revista História**. São Paulo: UNESP. V.15, 1996.

VIEIRA, M. do P. de.; PEIXOTO, M. do R. da C.; KHOURY, Y. M. A.. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 1989.

FONTES EM ÁUDIO

Balada do louco. (Os Mutantes) In: **Mutantes e seus cometas no país dos Baurets**.1972, 01 LP.

Doido de fazer dó. (Walter Franco) In: **Ou não**.1973, 01 LP.

Don Quixote. In: **OS Mutantes**. 1969, 01 LP.

Fora de si. (Arnaldo Antunes) In: **Ninguém**.199-, 01 CD.

Lóki. (Arnaldo Baptista). In: **Lóki**.1974. 01 LP.

Louco, doido varrido.(Edgard Scandurra) In: **Benzina**.19--, 01 CD.

NEO, Neo Pi. **Muito doido**.Ceará, [199?], 01 fita cassete pirata.

Pátio dos loucos. (Walter Franco) In: **Ou não**.1973, 01 LP.

FONTES EM VHS

A LOUCURA. Dirigido por Gabriel Priolli e Eduardo Ramos. Apresentado e mediado por Mário Sérgio Cortella e Nelson Ascher. São Paulo: Folha de São Paulo/PUC/ SESC, 1997, 01 fita de vídeo-cassete, VHS, son., color.

BICHO DE SETE CABEÇAS. Direção de Laís Bodansky. Brasil. 2000, 01 fita de vídeo-cassete, VHS, son., color.

FREUD ALÉM DA ALMA. Direção de John Huston. EUA. 1961, 140 min, 01 fita de vídeo-cassete, VHS, son., pt/br.

MELHOR IMPOSSÍVEL. EUA. 200-, 01 fita de vídeo-cassete, VHS, son., color.

O ILUSIONISTA. Dirigido por Jos Stelling. Holanda. 1983, 90 min., Pole Vídeo, 01 fita de vídeo-cassete, VHS, son., color.

O PODER. Dirigido por Gabriel Priolli e Eduardo Ramos. Apresentado e mediado por Mário Sérgio Cortella e Nelson Ascher. Debatedores: João Paulo dos Reis Velloso e Aspásia Camargo. São Paulo: Folha de São Paulo/PUC/ SESC, 1997, 01 fita de vídeo-cassete, VHS, son., color.

ONDAS DO DESTINO. Dirigido por Lars Von Trier. Dinamarca/França, 1996, Flashstar, 159 min, 01 fita de vídeo-cassete, VHS, son., color.

OS IDIOTAS. Dirigido por Lars Von Trier. Dinamarca/França, 19-- , 01 fita de vídeo-cassete, VHS, son., color.

POLICARPO QUARESMA - O REI DO BRASIL (?) Baseado na obra de Lima Barreto,

UM AZILO MUITO LOUCO. Dirigido por Nelson Pereira dos Santos. BRA, 1969, (...)

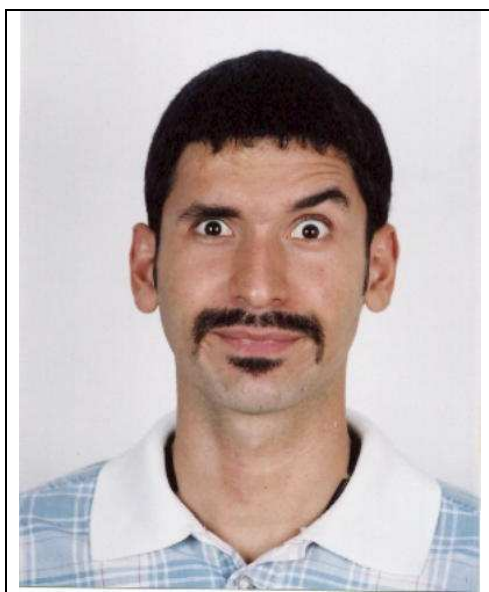
UM ESTRANHO NO NINHO. Dirigido por Milos Forman. Baseado na novela de Ken Kesey. EUA: Saul Zaentz, 1975, 129 min., Condor Vídeo, 01 fita de vídeo-

cassete, VHS, son., color.

UMA CIDADE SEM PASSADO. Direção e roteiro: Michael Verhoeven. Alemanha: Sentana Filmproduction, 1992, Globo Vídeo, 92 minutos, 01 fita de vídeo-cassete, VHS, son., color.

UMA MENTE BRILHANTE. Dirigido por Ron Howard. EUA: Universal Studios/DreamWorks, 2001, 135 min., 01 fita de vídeo-cassete, VHS, son., color.

SOBRE O AUTOR



Fabrício Inácio de Oliveira é natural de Uberlândia, Minas Gerais, onde nasceu em 30/07/1978. Em 1997, iniciou sua formação e produção artística com cursos de teatro por algumas cidades brasileiras e trabalhos artísticos comerciais, mas desde pequeno desenvolve as aptidões e os dons artísticos e da criação poética, o que o redimi de qualquer retaliação. Fabrício Nanuvi, como é conhecido no meio artístico, faz eventos empresariais, escreve, dirige e monta peças teatrais, além de personagens e performances criadas por ele próprio, faz animações de festas infantis, malabares, pirofagia e outros. Acredita que mesmo a rapadura sendo doce, não é mole e por isso resolveu fazer o curso de graduação em História o qual iniciou no segundo semestre de 1998 e está terminando agora com a apresentação desta monografia.

Atualmente, Fabrício desenvolve também o professor de História de 5ª. série que há nele.

Para contato:

(34) 9996 – 3078

FABRICIO_NANUVI@YAHOO.COM.BR